



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E
CIÊNCIAS SOCIAIS – INHCS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
– MESTRADO PROFISSIONAL

RAFAEL JUNIOR DA SILVA

**O(S) FASCISMO(S) NO LIVRO DIDÁTICO:
UMA ANÁLISE DO CONTEÚDO NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

CATALÃO-GO
2017



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Rafael Junior da Silva

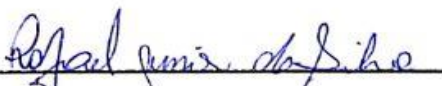
Título do trabalho: O(S) FASCISMO(S) NO LIVRO DIDÁTICO:

UMA ANÁLISE DO CONTEÚDO NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Rafael Junior da Silva - Autor

Ciente e de acordo:



Prof. Dr. Cláudio Lopes Mala- orientador

Data: Catalão, 28 de novembro de 2017

RAFAEL JUNIOR DA SILVA

**O(S) FASCISMO(S) NO LIVRO DIDÁTICO:
UMA ANÁLISE DO CONTEÚDO NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Mestrado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás para qualificação e obtenção do título de mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Claudio Lopes Maia.

**CATALÃO-GO
2017**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Rafael Junior da

O(s) Fascismo(s) no Livro Didático:

Análise do conteúdo no Ensino Fundamental e Médio
/ Rafael Junior da Silva. - 2017.

LXXXI, 81 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Lopes Maia.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Catalão,
Programa de Pós-Graduação em História (profissional), Catalão, 2017.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, lista de figuras.

1. Fascismo . 2. Livro didático. 3. Ensino de História. I. Maia,
Claudio
Lopes, orient. II. Título.

Ata de Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Mestrado

Defesa: nº 30

Aos vinte e oito dias do mês de novembro de dois mil e dezessete realizou-se, na sala nº 08, Bloco C, da Regional Catalão/UFG, a Defesa Pública do Trabalho de Conclusão de Mestrado intitulado *O(s) fascismo(s) no livro didático: uma análise no ensino fundamental e médio*, de autoria do mestrando **Rafael Junior da Silva**. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em História – nível Mestrado Profissional, e composta pelos docentes Prof. Dr. Cláudio Lopes Maia, professor da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Profa. Dra. Marilena Julimar Aparecida Fernandes Jerônimo, professora da Universidade Estadual de Goiás – Pires do Rio; Profa. Dra. Regma Maria dos Santos, professora da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC. A sessão teve início às catorze horas, sendo presidida pelo Professor Cláudio Lopes Maia (orientador) que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, o Presidente da sessão passou a palavra ao discente que teve quinze minutos para apresentar o trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra às componentes da banca que tiveram cada uma, vinte e cinco minutos para expor suas questões e observações sobre o trabalho apresentado, tendo o mestrando quinze minutos para responder. Após o término da arguição, o Presidente da sessão solicitou que o candidato e o público presente se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse proceder sua avaliação. Após a conclusão dos trabalhos de avaliação, as arguidoras atribuíram o seguinte resultado: aprovado. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos vinte e oito dias do mês de novembro de dois mil e dezessete.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Cláudio Lopes Maia (Orientador/ UFG/RC)

Profa. Dra. Marilena Julimar Aparecida Fernandes Jerônimo (UEG/Pires do Rio)

Profa. Dra. Regma Maria dos Santos (UFG/RC)

AGRADECIMENTOS

Aos amigos que apoiaram e incentivaram desde o início do Programa do Mestrado, e em meio a tantos revezes surgidos o amparo sempre foi certo quanto sábio. Mesmo em momentos em que a desistência era certa sempre aconteceu de pessoas especiais mostraram outro caminho, não que fosse menos dolorido, porém, com possibilidades de reestruturação física e mental.

Grato pelo corpo docente que trabalha com profissionalismo e, sobretudo humanismo. Desde o começo das atividades em 2015 até o momento vigente, o curso propicia o crescimento pessoal em vários sentidos. Também importante ressaltar as amizades feitas no decorrer dos anos que se mostraram companheiras e fieis nas venturas dos trabalhos e participações em eventos (muito conhecimento intelectual, muita conversação sobre trivialidades e novos afãs de projetos futuros).

Aos meus companheiros do Projeto Gruta de Belém (Ipameri-GO) que colaboraram com o tempo ao qual tive de ausentar para estudar e viajar para construir paulatinamente o mestrado.

Ao colégio Estadual Professor Eduardo Mancini (CEPEM) e a Escola Professor José Pio de Santana pelos empréstimos dos livros didáticos que foram fundamentais para alicerçar o construto dessa dissertação e tentar mostrar para que caminhos os autores levassem os discentes a entender os fenômenos do nazi--fascismo.

Em poucas palavras, não vou querer cometer injustiça ao esquecer o nome de alguém importante, por isso, este breve resumo, que sintetiza a grande caminhada, na dor, na alegria, na quase loucura, mas apegado a superar... tudo passa, tudo é um momento, uma lacuna histórica....

RESUMO

O objetivo deste Trabalho Final de Mestrado foi analisar o contexto do livro didático do Ensino Fundamental chamado *Encontros com a História* das autoras Vanise Ribeiro e Carla Anastasia (2016) e do Ensino Médio *Caminhos do Homem* (2016) dos autores Adhemar Marques e Flávio Berutti (2016) sobre o(s) fascismo(s). Francisco Carlos Teixeira da Silva (2005) traz uma nova discussão sobre o nazi-fascismo abordando as novas possibilidades de estratificar o fascismo a partir do final da década de 1980, quando há uma reviravolta no cenário acadêmico a partir da análise de novas fontes. É importante dialogar com o texto provocador de Silva (2008) a respeito do fascismo já que o mesmo lança uma discussão crítica mais atual, dado ao fato de que uma das abordagens mais conhecidas e imediatas ao pós-guerra, muito popularizada na mídia, sobre o fascismo, defende uma abordagem única do fenômeno, centrando toda a atenção na Alemanha e utilizando exclusivamente a expressão nazismo. Tal situação pode ser encontrada no contexto do livro didático que costuma construir um foco narrativo que centraliza o tema na Segunda Guerra Mundial e ao personagem de Adolf Hitler. Voltando ao livro didático, este objeto pode ou não se atentar a ligar o passado com o presente já que deve corroborar para a construção crítica dos jovens e suas percepções e posições com relação à sociedade. No caso desta pesquisa levantada por Silva (2005) como fenômeno, averiguamos se há alguma relação entre os aspectos apresentados nos dois Livros Didáticos do ensino fundamental e do ensino médio que selecionamos para análise. Nesse sentido, apresentamos um capítulo no qual discutimos o(s) conceito(s) de fascismo(s) e exploramos a realidade de elaboração de um livro didático e como o mesmo pode fazer abordagem de certos temas como o nazi-fascismo. No segundo capítulo analisamos dois livros didáticos utilizados nas escolas da cidade Ipameri – GO no ano de 2017, *Encontros com a História* utilizado no 9º ano do ensino fundamental e *Caminhos do Homem* utilizado no 3º. ano do ensino médio. Em anexo apresentamos um Guia de Referências com o objetivo de permitir ao professor, a partir de diferentes fontes, relacionar o tema ao presente.

PALAVRAS-CHAVE: Fascismos, Livro Didático, Ensino de História

ABSTRACT

The objective of this Final Master's Work was to analyze the context of the textbook of the Elementary School called Meetings with the History of the authors of the authors Vanise Ribeiro and Carla Anastasia (2016) and the High School Paths of Man (2016) by the authors Adhemar Marques and Flávio Berutti (2016) on fascism (s). Francisco Carlos Teixeira da Silva (2005) brings a new discussion about Nazi-fascism approaching the new possibilities of stratifying fascism from the end of the 1980s, when there is a turnaround in the academic scene from the analysis of new sources. It is important to dialogue with Silva's provocative text (2008) regarding fascism, since it launches a more present critical discussion, given that one of the most well-known and immediate post-war approaches, popularized in the media, fascism, defends a unique approach of the phenomenon, focusing all the attention in Germany and using exclusively the expression Nazism. Such a situation can be found in the context of the textbook that usually builds a narrative focus that centralizes the theme in World War II and the character of Adolf Hitler. Going back to the textbook, this object may or may not attempt to link the past with the present, since it must corroborate the critical construction of young people and their perceptions and positions regarding society. In the case of this research raised by Silva (2005) as a phenomenon, we investigate if there is any relation between the aspects presented in the two Didactic Books of elementary and high school that we selected for analysis. In this sense, we present a chapter in which we discuss the concept (s) of fascism (s) and explore the reality of elaborating a didactic book and how it can approach certain topics such as Nazi-fascism. In the second chapter we analyzed two textbooks used in the city of Ipameri - GO in the year 2017, Meetings with History used in the 9th year of elementary school and Paths of Man used in the 3rd. year of high school. In the annex we present a Reference Guide with the purpose of allowing the teacher, from different sources, to relate the theme to the present.

KEY WORDS: Fascism, Didactic Book, History Teaching

LISTA DE ABREVIATURAS

MEC – Ministério da Educação

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

SEB – Secretário de Educação Básica

INL – Instituto Nacional do Livro

IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas

NSDAP – Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães

PNF – Partido Nacional Fascista

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1- PNLD 2015 – Ensino Médio.....	35
Fig. 2 – Capa do Livro Encontro com a História – 9º ano.....	38
Fig. 3. Página do livro Encontros com a História sobre Nacional-socialismo italiano.....	41
Fig. 4. Nacional-socialismo na Alemanha.....	45
Fig. 5. As práticas totalitárias.....	46
Fig. 6. Expansão dos regimes autoritários.....	49
Fig. 7. Resultados e consequências da guerra.....	50
Figura 8 – Caminhos do Homem – 3 volume.....	52
Fig. 9. Imagem ilustrativa (Tio Sam) com texto.....	53
Fig. 10. As rejeições do fascismo.....	54
Fig. 11. Cartazes de propaganda nazista.....	56
Fig. 12. Mapa ilustrativo – Democracia e totalitarismo na Europa.....	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 – REDISCUTINDO O(S) FASCISMO(S): A REFORMULAÇÃO DOS CONCEITOS E O LIVRO DIDÁTICO.....	22
1.1. Sobre o(s) conceito(s) de fascismo(s).....	22
1.2. O Livro Didático e a aprendizagem histórica.....	27
CAPÍTULO 2 – O FASCISMO NO CONTEXTO DO LIVRO DIDÁTICO – ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO.....	39
2.1 Fascismo no livro didático do Ensino Fundamental.....	39
2.2 O fascismo no livro didático do Ensino Médio.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
ANEXO: GUIA DE REFERÊNCIAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA TEMAS: O(S) FASCISMO(S) NA RELAÇÃO PASSADO PRESENTE.....	71

“Não há fatos eternos, como não há verdades absolutas”.

Friedrich Nietzsche

1. INTRODUÇÃO

No Ensino Fundamental, nos estudos da disciplina de História comecei a despertar o interesse pela dimensão dos acontecimentos humanos, desde seu primórdio há milhares de anos, e sua suscetível evolução. A disciplina de História, no entanto, era demasiada entediante. O conteúdo de Moral e Cívica, a exigência de decorar datas e pessoas históricas famosas não era nada atrativo, mas o Livro Didático no Fundamental foi mudando essas concepções. Lembro-me das palavras do professor de História ao iniciar a explicação sobre o Marxismo: “Senhores, guardem bem o que vou dizer, Karl Marx é o nome que vocês escutarão para o resto da vida de vocês e os seguirão em vários momentos de discussão política”.

De fato, Marx a partir de então, apareceu em vários momentos onde a política era o centro do estudo, mas na adolescência ainda não me interessava por temas políticos até chegar à Segunda Guerra Mundial. Marcaram-me muito as imagens que o livro didático trazia dos confrontos, do absurdo dos campos de concentração entre outros. Evidente que já tinha visto filmes sobre o tema, mas sem prestar muita atenção. Adolf Hitler se tornou um nome de interesse de estudo por causa da curiosidade em saber um pouco mais sobre o que estava por trás de sua mente belicista. Por certo despertou maior interesse na disciplina e até melhora nas notas.

Nos anos da adolescência até a vida adulta fiquei envolvido com a Igreja Católica dentro de grupos de jovens e, desde então, procurei direcionar-me a uma vida sacerdotal, procurando nos encontros vocacionais os pontos que pudessem interligar-se à vida. Neste ponto de atividades inseridas em um mundo metafísico, foi nos estudos (por interesse próprio) na Biblioteca pública de Ipameri que comecei a pesquisar mais profundamente sobre a História da Igreja e os seus múltiplos acontecimentos, desde o medievo até a contemporaneidade, e com o tempo de estudo, passei a ensinar dentro dos grupos em forma de ensinamentos adicionais, o que havia aprendido.

O interesse pelo passado foi sistematicamente entrelaçando ao discernimento sobre a formação profissional, embora tenha sido aceito para entrar, em 2007, no Seminário Propedêutico da Diocese de Ipameri, juntamente com mais três colegas (hoje apenas um seguiu em frente e foi ordenado padre). Fiquei nove meses discernindo sobre qual caminho seguir e com atividades como Língua Portuguesa, Latim, Filosofia, entre outros, que corroboraram para concluir que era o momento em qual deveria sair para poder ter o foco de preparo para vestibular do ano seguinte em Catalão-GO. Inscrevi-me então no curso de História, certo de que era a oportunidade de entrar em outro caminho de discernimento na vida, graças também à profundidade de crescimento que tive no período propedêutico.

O interesse em desenvolver o estudo sobre o nazi-fascismo cresceu no decorrer do curso de graduação, e, ainda percorro esta via de muitas “escorregadas” na tentativa de estratificar o melhor possível sobre a ideologia fascista que sempre está posta em discussão, e pelas redes sociais observo como se tornou comum pessoas expressarem seus pontos de vista (mesmo sem muita informação aparente), debatendo entre esquerda e direita. Bom, mas isso é outra questão da qual não pretendo emitir juízo de valor, apenas levar adiante os ensinamentos que estão inseridos dentro da política. Entre erros e acertos sobre o objeto escolhido (livro didático e os novos caminhos discursivos do fascismo) ainda há muito para aprender. Acredito que isto faça parte do ofício do Historiador.

No ano de 2011 iniciei minhas pesquisas no projeto de graduação em História (UFG/Regional Catalão) abordando a questão do nazi fascismo. Naquele momento, utilizei como fonte, um diário-memória escrito pela francesa Agnès Humbert. Ela relata o movimento resistente em que participou, mediante a invasão alemã na França e a formação da República (regime) de Vichy no ano de 1940. O grupo rebelde foi descoberto por um espião e entregue a Gestapo tendo como resultado a execução da maioria dos membros e a deportação de Humbert para a Alemanha, onde foi obrigada a trabalhar em serviços forçados até a libertação em 1945 por tropas aliadas do 3º Comando estadunidense.

Doravante, resolvi focar no fascismo que, necessariamente, foi à ideologia por traz do nazismo na França levando Pétain a um acordo de rendição e sua colaboração com Hitler. O que, segundo Arendt (1989), justifica as invasões do movimento autoritário em outras nações, da necessidade de um espaço geográfico grande para que seja possível a aplicação deste movimento devido ao número excessivo de perdas humanas que acabam morrendo em prol desta ideologia¹. Os líderes estão prontos a sacrificar o que e quem for necessário, durante o processo de conquista do poder. Além de estender e aplicar a ideologia com imposições radicais sobre as demais nações. Mas este é apenas um dos tópicos referente ao nazi-fascismo.

Através de análise do fascismo como uma construção da História recente percebemos que se torna passível a modificação de seu sentido e significado pela gradativa relação com o tempo através do surgimento de novos documentos. Isto permitiu uma problemática quanto à forma como este conceito é adotado, ou utilizado no Brasil através do Livro Didático.

De acordo com a construção do Livro Didático (Ensino Fundamental e Médio) para o ensino levando em consideração se é abordado como apenas “não totalitário” no sentido de utilizar a ideologia fascista não como um todo, mas em partes, como afirma Arendt (1989) ao considerar que a própria Itália não foi toda fascista tendo em vista que Mussolini foi “brando” com relação aos prisioneiros políticos.

O nazi-fascismo como tema de desenvolvimento de uma pesquisa histórica é um desafio, pois, existem inúmeros trabalhos que abordam esta temática, embora o seu sentido e significado tenham sido mais esclarecidos no fim do dos anos 1980. Porém, é pertinente ao pesquisador levantar questões sobre o nazismo como um “acidente histórico”, num momento específico da História ou, se há a possibilidade da ideologia nazifascista ainda subsistir.

Para Carvalho (2015) “torna-se interessante pensar que a relação entre o presente e o passado é fundamental para dotar a história de uma

¹ A ideologia nazifascista é uma estrutura política da qual se retira a intenção de aplica-la dentro da sociedade cuja função pode colocar em exercício o: totalitarismo, militarismo, ultranacionalismo, ultrapartidarismo, controle da propaganda, culto ao líder, anticomunismo, racismo, antissemitismo e expansão territorial. Disponível em: <http://www.historiadigital.org/curiosidades/10-ideologias-do-nazi-fascismo>. Acesso em: 15 de dezembro de 2017.

significância prática na vida do aluno” (p. 11). Tal abordagem sobre novos rumos do fascismo vieram à tona com o passar do tempo:

[...] após os 50 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, vários países, como Estados Unidos, a Inglaterra e Federação Russa, começaram a publicar seus arquivos, grande parte referente ao fascismo. A reunificação alemã, a partir do fim do Muro de Berlim, em 1989, possibilitou a devolução e abertura de arquivos especificamente dedicados ao fascismo, como o Centro de Documentação de Berlim (...), no qual estão incluídos os arquivos da Gestapo; e, por fim, mas talvez de suma importância, o ressurgimento do fascismo como movimento de massas em países como a França, Itália, Federação Russa ou na própria Alemanha obrigou os pesquisadores a rever as análises do fascismo que o vincularam diretamente à conjuntura do pós Primeira Guerra Mundial (SILVA, 2005, p, 113)

A ideologia fascista teve início na Europa na primeira metade do século XX, dentre as principais destacam-se a Falangista na Espanha (Francisco Franco), a Fascista de Benito Mussolini e a Nazista alemã de Adolf Hitler.

Dentro desta dimensão ideológica o objetivo da vigente proposta de Trabalho Final de Mestrado é analisar o contexto do nazi-fascismo presente nos livros didáticos do Ensino Fundamental *Encontros com a História* e do Ensino Médio *Caminhos do Homem*.

Para realizar esta análise, tomei como referência as reflexões do historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva (2005) sobre o fascismo. Pretendo analisar o contexto didático dos livros escolares, a partir da percepção do autor sobre os novos rumos da leitura do fascismo. O autor traz à luz elementos, que antes eram vistos como fruto de um episódio do passado não transitório para as camadas políticas atuais. Importante analisar o Livro Didático, porque este é o dispositivo de ensino utilizado no âmbito escolar, sendo a base central do encontro dos discentes, naquilo que tange à História, referente ao passado e suas ações e sem deixar de esquecer o resultado e influências herdadas, que podem ser encontradas através de um senso crítico desenvolvido nas escolas.

Para realizar a discussão sobre os livros didáticos, no Ensino Fundamental utilizarei o livro intitulado *Encontros com a História* (2014, 2015,

2016). O livro foi escrito pelas autoras Vanise Ribeiro² e Carla Maria Junho Anastasia³. No sumário proposto para o 9º ano, o tema nazismo ou mesmo fascismo não aparece, mas eles estão na evidência do núcleo da Unidade 2: Tema 3 – Crise do Liberalismo com os seguintes tópicos:

1. Anos 1920: prosperidade e crise.....	48
2. Grande Depressão.....	55
3. Do liberalismo ao totalitarismo.....	58
4. Nacional-socialismo italiano.....	61
5. Nacional-socialismo na Alemanha.....	63
6. Expansão dos regimes autoritários.....	67
7. Para saber mais.....	70

O livro, posteriormente, abordará o tema Segunda Guerra Mundial, divididos em 5 tópicos:

1. Europa se prepara para a guerra.....	86
2. Fases da guerra.....	90
3. Resultados e consequências da guerra.....	96
4. O cotidiano durante a guerra.....	98
5. Para saber mais.....	100

O livro didático selecionado para análise do Ensino Médio tem como título *Caminhos do Homem*, 2ª edição, da Base Editorial, é dirigido para a turma do 3ª ano. Elaborados pelos autores Adhemar Marques⁴ e Flávio Berutti⁵

² Pós-graduada em História do Brasil e professora das redes particulares e pública há 30 anos. Atualmente leciona na rede municipal de Belo Horizonte

³ Doutora, professora titular de História do Brasil da Universidade Federal de Minas Gerais, autora de diversos livros didáticos e consultora de projetos de capacitação e avaliação dos ensinos Fundamental e Médio.

⁴ Bacharel e licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Especialista em História Moderna e Contemporânea pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professor de História de cursos pré-vestibulares.

traz para o capítulo 1 os temas: O Imperialismo, as guerras mundiais os grandes processos revolucionários do século XX, os seguintes tópicos sobre o nazi-fascismo:

O Imperialismo.....	11
As guerras mundiais: A Primeira Guerra Mundial (1914-1918).....	14
As guerras mundiais: A Segunda Guerra Mundial (1939-1945).....	32

Assim, temos os temas dos dois livros didáticos referentes ao recorte temporal sobre o nazi-fascismo, ambos inseridos na discussão da Primeira Guerra Mundial e Segunda Guerra Mundial. Interessante notar que abordam sobre a inserção do nazi-fascismo como elemento resultante de alguma crise pertinente à desenvoltura de ideias centralizadas no autoritarismo, como se comungassem do momento oportuno em que a regente figura democrática não correspondia ao sofrimento das massas, muito bem conduzidas e exploradas para reforçar os partidos, hora antes, sem muita força representativa no senado.

Para ter acesso aos manuais didáticos visitei duas escolas estaduais que ficam no município de Ipameri-GO. Expliquei a direção o objetivo da utilização do livro. A escola Professor José Pio de Santana (Ensino Fundamental) indicou o livro *Encontros com a História*, direcionado para o 9º ano. Depois foi a vez do Colégio Estadual Professor Eduardo Mancini (Ensino Médio), que indicou o livro direcionado para a turma do 3º ano, *Caminhos do Homem*.

É importante lembrar que o primeiro contato dos discentes na escola sobre o tema fascismo é no 9º ano, mas antes do livro didático, evidente que há outros mecanismos que têm o conteúdo sobre regimes fascistas como livros, filmes, documentários, fotos, revistas, histórias narradas entre outros. Porém, o manual do docente é comumente o meio mais utilizado para entendê-lo.

⁵ Graduado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Metodologia da História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor de História da América e de História Contemporânea do Departamento de Ciências Humanas, Letras e Artes do Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH).

Pode-se observar que o livro didático é a ferramenta para o docente na qual o seu conteúdo já vem dividido em etapas segundo o grau de escolaridade de cada nível de formação. Cabe então ao profissional do ensino discernir sobre os temas propostos em relação ao esclarecimento dos mesmos levando os discentes a entenderem, ao menos, a temporalidade histórica e os sujeitos que nela estão participando, considerando trajetórias e feitos.

O tema do nazi-fascismo foi a ponta da lança que me levou ao curso de História no ano de 2008. Tudo advindo das ilustrações e conteúdos trazidos pelo Livro Didático, o que, na época, permitiu aguçar o apreço pela disciplina. Diante disso, considero importante analisar o conteúdo didático com a discussão contemporânea para melhor entender como as estruturas de contexto da narrativa são empregadas quando explicar em sala de aula o conteúdo referente ao tema.

Acredito ser importante saber se o fascismo é apenas elucidado no Livro Didático como um fenômeno histórico datado, ou se pode ser encontrado em outras vias políticas no tempo atual. Conforme Larocca, (2008, p. 03) “é importante que haja um bom planejamento no intuito de tornar o assunto mais significativo para eles”.

Considero importante dialogar com o texto provocador de Silva (2005) a respeito do fascismo já que o mesmo lança uma discussão crítica atual, dado ao fato de que “uma das abordagens mais conhecidas e imediatas ao pós-guerra, muito popularizada na mídia, sobre o fascismo, defende uma abordagem única e exclusivamente do fenômeno, centrando toda a atenção na Alemanha e utilizando exclusivamente a expressão nazismo” (SILVA, 2005, p. 113-114).

Tal situação pode ser encontrada no contexto do livro didático cujo foco narrativo centraliza a Segunda Guerra Mundial e o personagem Hitler, dando ênfase a um fenômeno hitlerista.

O Livro Didático é o suporte básico e sistematizador privilegiado dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares, além de ser um “instrumento pedagógico” por oferecer “técnicas de aprendizagem: exercícios, questionários, sugestões de trabalho, enfim as tarefas que os alunos devem

desempenhar para a apreensão ou, na maior parte das vezes, para retenção dos conteúdos” (BITTENCOURT, 2008, p.72). O que torna devidamente pertinente observar nesta ferramenta docente é a forma que o nazi-fascismo é construído e guiado mediante a sua implicação com o personagem mais afamado – Adolf Hitler – acaba sendo discernido, muitas vezes, como máximo responsável pela Segunda Guerra Mundial graças à visão limitada de período das quais as ações foram mais complexas interligando vários fatores colaboradores.

O Livro Didático pode ou não se atentar a ligar o passado com o presente já que corrobora para a construção crítica dos jovens, suas percepções e posições com relação à sociedade. No caso desta pesquisa, intenciono averiguar se há alguma relação entre os aspectos apresentados em ambos os livros aos tópicos: fascismo, Segunda Guerra Mundial, Nazismo, Hitlerismo, autoritarismo, com a nova discussão apresentada por Silva (2005). Tais pontuações estão ligadas no desenvolvimento do contexto, uma vez que “algumas publicações sobre o processo de desenvolvimento do sistema escolar brasileiro destacam-se pela preocupação com a utilização e a importância que os livros didáticos têm para o ensino de todas as disciplinas escolares” (OLIVEIRA, sd, p. 03). Nesta linha de raciocínio Catelli Junior (2010, p. 03) nos diz que:

Entre setembro e outubro de 2007, vários jornais e revistas de grande circulação do país publicaram matérias sobre os livros didáticos brasileiros, em especial os livros de História. A motivação inicial era a suposta ideologia de esquerda presente nessas obras, o que levaria a uma manipulação e até uma possível doutrinação das crianças. E tudo isso feito com dinheiro público, uma vez que a grande maioria dos livros didáticos vendidos no país é originária do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que distribui gratuitamente esses livros para as escolas públicas de todo o país (p. 03).

Essa discussão envolvendo questões partidárias tornou-se polêmica na atualidade política onde propuseram a discussão sobre a “escola sem partido” no Brasil. Não seria difícil encontrar no livro didático influências de pensamento de esquerda ou de direita dentro da leitura do contexto narrativo da história sendo notado pela discussão de Marques e Berutti (2015), mas de ínfima dosagem, pois não atrapalha a discussão central proposta sobre o nazi-

fascismo presente nas páginas do primeiro capítulo. O intento aqui é tentar revelar, mediante as comparações dos Livros Didáticos que selecionei para analisar a possibilidade de ambos ofertarem ao ensino, meios mais amplos de percepção do mundo atual tomando de fontes do passado como ponto de partida para ajudar na formação cognitiva sobre os espaços temporais.

O primeiro capítulo mostrará a concepção de Silva (2005) para justificar o fascismo, para além do nazismo e também abordar aspectos da construção do livro didático para o docente de História. No segundo capítulo abordo a questão sobre o contexto didático escolar, realizando a análise do conteúdo dos dois livros selecionados, se é trabalhado dentro da proposta do fenômeno ou ainda é definido como fato histórico? É importante compreender o conceito de didática para se ter uma noção de como os discentes a entendem para além da reflexão a ser realizada pretende-se também apresentar outras possibilidades documentais para análise do tema do fascismo.

CAPÍTULO 1 – REDISCUTINDO O(S) FASCISMO(S): A REFORMULAÇÃO DOS CONCEITOS E O LIVRO DIDÁTICO

“A escola não é de modo algum o mundo, nem deve ser tomada como tal; é antes a instituição que se interpõe entre o mundo e o domínio privado do lar”.

Hannah Arendt

1.1. Sobre o(s) conceito(s) de fascismo(s)

Para direcionar a discussão referente ao fascismo no livro didático surgem algumas questões: Como o fascismo era visto pelos historiadores durante as primeiras décadas do pós Segunda Guerra e como o Livro Didático sugere atualmente o estudo do fascismo dentro da sala de aula? Como a centralidade da Alemanha nazista, como epicentro dessa discussão, pode afetar o entendimento do totalitarismo que era tanto italiana, quanto alemã, embora ainda se tenha a concepção de o nazismo e que o fascismo são a mesma coisa?

Mas o ponto mais importante aqui é procurar saber o que fez com que o fascismo tornasse um objeto preso ao passado. A proposta de Silva (2005) em refutar o fascismo como acidente histórico possibilita a compreensão desta ideologia política e colabora para conscientizar sobre os perigos que ela pode causar, quando está operante e o Estado assim o permite, como o Holocausto na Alemanha nazista.

Silva (2005) chama a atenção para a atuação de um neofascismo que ainda dá continuidade ao assombroso “modo operante das forças armadas” mantendo viva a tradição de Wehrmacht⁶:

No caso alemão, a desnazificação é marcadamente incompleta e permite uma ponte visível entre o fascismo histórico e o neofascismo.

⁶ Wehrmacht – Força de Defesa e resistência alemã. Atuou durante o III Reich (1935-45), teve participação a Marinha, o Exército e a Força Aérea além das tropas das Waffen-SS.

Uma forte sombra paira, por exemplo, sobre as forças armadas, acusadas pelo Partido Verde e pelo Partido Social-Democrata (SPD) de cultivarem a “preservação das tradições da Wehrmacht”. Um relatório publicado pelo parlamento alemão, em 1998 (Relatório Marienfeld), apontava o envolvimento, 53 anos após a morte de Hitler, do exército federal alemão Bundeswehr, em 1997, em 177 ações de espancamento e maus-tratos a estrangeiros e de simpáticos ao III Reich. Mais grave ainda: a maioria das ações era de pleno conhecimento dos oficiais superiores e muitas vezes feita sob o olhar indulgente destes. Um vídeo, divulgado pela TV alemã, mostrava exercícios de combate onde os soldados deveriam torturar o inimigo. A explicação para tal comportamento estaria na rápida mobilização de oficiais para o rearmamento alemão, principalmente a partir da Guerra da Coréia e da intensificação da Guerra Fria, o que teria levado de volta aos quartéis homens profundamente comprometidos com o nazismo. A estes caberia a tarefa de formar os quadros do exército da República Federal alemã, inclusive nas academias militares. Entre os mitos fundadores das novas forças armadas estaria o culto de uma imagem da Wehrmacht profissional e apolítica, ante uma SS partidária e nazista. Assim, absolver-se-ia o exército alemão de qualquer das atrocidades cometidas durante o III Reich. Da mesma forma, o novo exército – linha de frente em um eventual choque com os soviéticos – poderia estar ombro a ombro com os exércitos ocidentais, cujos quadros foram formados na luta contra Alemanha (SILVA, 2005, p. 116).

As atuações neofascistas podem ser usuais tanto nas forças armadas quanto na política que, no caso citado acima, são denunciados na medida da imersão de documentos capazes de levar a pensar que mesmo com a derrocada do Wehrmacht, sua essência continuou dentro das Forças Armadas com a justificativa de combater algum suposto inimigo perigoso. Os atos da Wehrmacht não saíram impunes pelo trabalho de um “grupo de historiadores que, em 1997, organizaram uma exposição de fotos e documentos comprovando a brutal ação da Wehrmacht contra civis [...]” (SILVA, 2005, p. 116).

O livro didático pode, por algum motivo, de norma editorial e política, não caminhar pela direção de uma história que revela tais acontecimentos. Talvez seja mais propício partir do ponto de vista histórico que revele o nazifascismo como elementos políticos que assolaram a Europa, emergidos de uma crise ao qual teria servido de promoção tanto do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) na Alemanha quanto do Partido Nacional Fascista (PNF) na Itália.

Quando a França foi tomada pelos nazistas em 1939 houve rendição e foi feita uma colaboração com a Alemanha através da República de Vichy. A França ocupada, formada pelo Norte e pela Costa Atlântica francesa, incluindo a capital, Paris; uma zona comandada diretamente pelas autoridades militares germânicas sob uma forte orientação fascista.

Embora a própria Vichy não seja, necessariamente, fascista. Silva (2005) intenciona abordar o fascismo fora da órbita central que responsabiliza apenas a Alemanha e a Itália, mas também outros lugares que tiveram a atuação da ideologia em suas ações, portanto, tentar trabalhar “o conceito de fascismo como uma unidade de traços diversos que dão coerência a um fenômeno” (SILVA, 2005, p. 124). O estilo fascista de governar podia divergir de uma nação para outra, e é o que narra Grand (2005):

No começo dos anos 1930, o fascismo poderia ter caminhado na direção que a Espanha de Franco acabou seguindo – um regime autoritário repressivo, extremamente estável; mas Mussolini deliberadamente abandonou essa trilha em 1935 e 1936. Os radicais fascistas da geração mais jovem esperavam que uma revolução fascista reavivada pudesse ser conseguida em nível imperial ou com a vitória na guerra. [...] os nazistas eram mais livres de tais restrições institucionais, à medida que se moviam para um segundo estágio do governo de estilo fascista (GRAND, 2005, p. 176-77).

Muito se pareciam na ideologia, porém, cada movimento dado pelas fascistas, em suas respectivas nações, adotou uma prática autoritária de acordo com suas realidades seguindo particularidades, mas comungando com o exercício de dominação almejado pela linha fascista. É inviável trabalhar o fascismo como algo pertencente àqueles que ficaram mais repetitivos como é o caso de Hitler (hitlerismo), a saber, que a multiplicidade fascista coloca ao historiador ampliar a fonte sobre este tema fora do curto perímetro delimitado pelas primeiras décadas quando se tentou entender o fascismo. O que pode deixar escapar elementos singulares de cada atuação do espectro fascista:

Também devemos levar em conta que cada fascismo, apesar das semelhanças e dos elogios mútuos, sempre defendeu sua plena originalidade histórica e nacional, buscando no seu próprio solo e céu as origens de suas ideias. Todos os fascismos foram marcados por um notável historicismo. Entenda-se aqui por historicismo, num sentido extremamente restrito e instrumental, a busca de raízes

nacionais, ou raciais (para muitos serão termos sinônimos), que explicariam a autenticidade do seu próprio movimento, a ideia de uma comunidade nacional original representada por um espírito próprio, o Geist, que se realiza historicamente através da materialização de sua vocação de poder, o Estado Nacional (e/ou racial). Foi nessa busca desenfreada por um passado justificador que se deu a apropriação depravada de Herder, Fichte, Hegel ou Nietzsche pelos ideólogos do fascismo (SILVA, 2005, p. 123).

Tentar justificar o fascismo nos anos iniciais do pós-Segunda Guerra poderia ter sido para ver o tamanho de sua proporção ou houve mesmo equívocos de interpretação para dar uma “forma” ao fenômeno do fascismo? O filósofo alemão Nietzsche ainda é lido de maneira equivocada quanto a sua posição frente ao antissemitismo, embora sua irmã Elizabeth Foester, tivesse um pensamento contrário. Depois da morte de Nietzsche, sua irmã modificou algumas de suas obras, resultando em um Nietzsche favorável à germanização, além de sua ideia do Übermensch (super-homem) como ponto de estudo para alguns nazistas que a interpretaram como relevante para a filosofia ariana.

É certo que, no processo de “desnazificação”, houve uma ação de “esquecimento” quanto aos simpatizantes do Terceiro Reich dos quais poderiam ficar em situação embaraçosa frente à História, que cedo ou tarde poderiam problematizar tais participações com o nazismo, por exemplo. Silva (2005), apontando Solchany (1997) fala sobre três categorias definidas pelos Estados Unidos no que diz respeito à desnazificação:

Já em março de 1956 os Estados Unidos atenuavam a legislação sobre a desnazificação, restringindo-a apenas aos *Hauptschuldige*, os principais culpados, e dispensando os comprometidos (*Belastete*), os comprometidos menores (*Minderbelastete*). Em pouco tempo, pode-se dizer, os tribunais de desnazificação transformaram-se em fábricas de seguidores (todos eram considerados apenas seguidores ou aderentes, a categoria mais leve de envolvimento com o nazismo) (SOLCHANY, 1997, p. 38).

Em 1945, em grande parte da Europa restavam apenas as ruínas do que antes eram cidades que, de certa forma, ainda estavam se recuperando da Primeira Grande Guerra e quase vinte anos depois eclode outra ainda mais devastadora. Com a derrocada do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) ficou o problema do que fazer com os prisioneiros de guerra, onde alojar tantos feridos

(civis e soldados), como reestruturar a política e a economia daquele continente, além do caos instaurado pelo desejo de vingança dos derrotados. O holocausto foi um dos maiores assombros encontrados pelos vencedores ao se depararem com os campos de concentração.

A Alemanha estava devastada, o Führer cometera suicídio e restou à população ficar sobre a responsabilidade dos vencedores, como os Estados Unidos que, de certa forma, disputavam a reestruturação de Berlim com a Rússia. De acordo com Bessel (2010):

A Alemanha foi o primeiro país a sofrer derrota total na história moderna. O regime nazista não se rendeu e os soldados alemães não pararam de lutar, mesmo quando os exércitos estrangeiros se aproximavam dos jardins da Chancelaria do Reich no centro de Berlim. Nunca na história moderna um país caíra mais fundo do que a Alemanha em 1945: sua soberania foi extinta, sua infraestrutura esmagada, sua economia paralisada, suas cidades reduzidas a entulho; além disso, a maioria da população estava faminta e desabrigada, as Forças Armadas desfeitas e os sobreviventes em campos de prisioneiros de guerra; o governo inexistente; e todo o país ocupado por exércitos estrangeiros (BESSEL, 2010, p. 365).

Este é o retrato de uma nação que hora poderia estar convencida de sua vitória, e outra hora, envolta ao caos que se seguiu com um desejo de vingança dos humilhados (considerados como raça inferior) durante o ápice do Terceiro Reich, nesse sentido Bessel (2010) enfatiza que “O nazismo e a guerra deixaram vastas reservas de ódio em seu rastro (BESSEL, 2010, p. 151)”. O nazifascismo foi aos poucos sendo desestruturado por uma nova política que deveria ser pensada também no que fazer para que os países colaboradores dos regimes autoritários fossem incluídos na reestruturação do continente europeu.

Segundo Silva (2005), o cenário político europeu na década de 1990 possuía evidências de partidos e agrupamentos neofascistas encontradas na Itália, Alemanha, Rússia e França. Portanto fica evidente que:

[...] a explicação histórica – o fascismo como fenômeno exclusivo de uma época – se enfraquece perante estas novas circunstâncias. O

ressurgimento do fascismo como fenômeno de massa hoje não pode ser explicado à luz dos fenômenos que pretensamente explicariam o fascismo nos anos 20 e 30 (a derrota alemã e Versalhes, a frustração política italiana em 1919 ou a crise de 1929). Podemos, mesmo, duvidar se tais eventos históricos efetivamente explicaram o fascismo histórico... Assim, a ressurgência do fascismo nos obriga a lançar mão de um novo arsenal teórico e de novos métodos que possam explicar as duas marés fascistas (anos 20/30 e anos 90) ocorridas em nosso século e, mesmo, unificar a teoria explicativa do fascismo, pensando-o em termos mais fenomenológicos, enquanto modelo de reação, organização e participação de amplas camadas das massas populares nas modernas sociedades industriais ou em transição à industrialização, e muito menos como fenômeno específico da história alemã ou italiana dos anos 20. Assim, parafraseando Marx, poderíamos dizer que a anatomia do neofascismo ajudaria enormemente a explicar o fascismo histórico (SILVA, 2005, p. 121-22).

Nesta perspectiva o entendimento do fascismo como um ponto isolado no passado fica demasiado equivocado mediante à presença de partido de cunho fascista, tais como presente na atualidade, assim, para o historiador que busca entender sua força ideológica que ainda perdura é contestar a concepção do nazifascismo como fascismo histórico. Por isso, a investigação de como o livro didático propõe trabalhar este contexto da história pode ser importante para entender que o nazifascismo ainda pode ser considerado como algo distante e incapaz de ativar qualquer tipo de influência no tempo presente.

1.2. O Livro Didático e a Aprendizagem Histórica

Para Rüsen (2012), “a eficácia de um processo de aprendizagem histórica importante se sustenta na medida em que consiga vincular a experiência do tempo e a subjetividade dos alunos, relacioná-las uma à outra e articulá-las discursivamente” (RÜSEN, 2012. p.112). Mediante a esta percepção surgem campos de pesquisas que se preocupam em investigar a escola e os seus sujeitos como produtores de conhecimento, consecutivamente levar clareza ao universo histórico com sentido e significado, assim, de acordo com Miranda e Luca (2004):

Contrariamente à apreensão predominante no âmbito do senso comum, o livro didático é um produto cultural dotado de alto grau de complexidade e que não deve ser tomado unicamente em função do

que contém sob o ponto de vista normativo, uma vez que não só sua produção vincula-se a múltiplas possibilidades de didatização do saber histórico, como também sua utilização pode ensejar práticas de leitura muito diversas. Tampouco os efeitos da ação avaliativa implementada pelo Ministério da Educação podem ser vistos exclusivamente com base em uma premissa homogeneizadora de práticas e perspectivas quanto à História, sobretudo se considerarmos um breve histórico a respeito do papel regulador e/ou intervencionista do Estado nesse nicho particular de mercado e as circunstâncias políticas contemporâneas resultantes da prática avaliativa (MIRANDA & LUCA, 2004, p. 03).

O livro didático é a uma das principais ferramentas do docente já que este vem preparado de acordo com a proposta do Ministério da Educação (MEC) para o ensino brasileiro além da orientação do Guia do Livro Didático 2017, o qual é apontado à elaboração do livro para o docente/escola/discente de variadas instituições do Brasil. Neste sentido, Batista nos lembra que:

O PNLD, tal como hoje se caracteriza, é o resultado de diferentes e sucessivas propostas e ações para definir as relações do Estado com o livro didático brasileiro. Essas relações sofreram um conjunto de alterações desde a criação do Ministério da Educação. Um marco significativo, porém, na história *recente* dessa relação, foi definido pelo Decreto-Lei nº 91.542, de 1985, que estabeleceu e fixou parte das características atuais do PNLD: adoção de livros reutilizáveis, escolha do livro pelo conjunto de professores, sua distribuição gratuita às escolas e sua aquisição com recursos do Governo Federal. Assumindo essas características, o desenvolvimento do Programa esteve, desde então, condicionado, entre outros fatores, pelo modo por meio do qual respondeu a dois problemas centrais: a questão da *qualidade* dos livros que eram adquiridos e a das *condições políticas e operacionais* do conjunto de processos envolvidos na escolha, aquisição e distribuição desses livros. A síntese da história recente do PNLD, apresentada a seguir, procura evidenciar as respostas que, ao longo desse período, foram dadas a essas duas questões (BATISTA, 2001, p. 11).

O livro didático passou por mudanças estruturais através dos anos, de acordo com a proposta do Estado que transmite o paradigma para a construção dos textos organizados para o trabalho em sala de aula. Um instrumento tanto do docente quanto do discente, fez e continua fazendo parte da história de muitas pessoas porque através dele, obtiveram suas instruções de conhecimento como é apontado por Siman e Silva (2009):

O livro didático tem de fato ocupado o cenário educacional brasileiro de forma mais sistemática desde o início do século XIX. A capacidade

que editores e autores demonstraram ao longo da história da educação brasileira de adaptá-lo às mudanças de paradigmas, alterações dos programas oficiais de ensino, renovações de currículos e inovações tecnológicas é um dos fatores que justifica a sua permanência como parte integrante do cotidiano escolar de várias gerações de alunos e professores (SIMAN & Silva, 2009, s.p).

A observância do contexto atual dos dois livros didáticos (*Encontros com a História/Caminhos do Homem*) está na intenção de observar qual a proposta dos livros. Assim, talvez consiga ter a possibilidade de chegar a uma conclusão da pergunta levantada a respeito da história como “fenômeno” ou “fato”. Pois, se o contexto dos dois livros didáticos trouxerem uma análise necessariamente como “fato”, sinal que os livros podem abordar o nazifascismo com outra abordagem ou narrativa, que poderá explicá-lo diferente se posto frente à nova abordagem do fascismo, mas, se houver uma intervenção no conteúdo chamando a atenção para os perigos do fascismo para a atualidade já torna o conteúdo mais atualizado.

Importante apontar nos livros didáticos aqui tomados como fonte, para *Encontros com a História e Caminhos do Homem*, exemplos de ações efetuadas pelo fascismo, de como era perigosa mesmo em seus anos iniciais sem, ainda, muita influência política conseguiram convencer a sociedade de suas intensões que poderiam favorecê-los de acordo com interesse da cada um. Dentro da história do fascismo aconteceram momentos de terror onde se utilizou da força bruta para retirar os opositores do caminho, quando o Partido Nacional Fascista (PNF) crescia gradativamente nos anos de 1920.

O PNF cresceu dentro da Itália, aos poucos, ganhando críticos e apoiadores. Um dos opositores mais conhecidos foi Giacomo Matteotti (socialista moderado e independente do Partido Socialista Italiano), quando foi raptado e morto, “[...] a culpa caiu sobre os fascistas ficou clara, era inelutável a cumplicidade moral, se não real, de Mussolini” (BLINKHORN, 2009, p. 49). E dentre seus maiores apoiadores, destaca-se Giovanni Gentile, considerado pelo autor como filósofo do fascismo.

Discutindo o conceito, Silva (2005) descreve:

Denominamos de fascismo, algumas vezes mais corretamente no plural – fascismos –, o conjunto de movimentos e regimes de extrema direita que dominou um grande número de países europeus desde o início dos anos 1920 até 1945. Assim, as expressões nazismo, nacional-socialismo, hitlerismo etc. recobririam uma só realidade política, os regimes de extrema direita que dominaram vários países no período em questão. A denominação genérica *fascismo* decorre da primazia cronológica do regime italiano, estabelecido no poder em 1922, construído em movimento político de identidade própria pouco antes, e do fato de ter servido de modelo [...], à maioria dos demais regimes (SILVA, 2005, p. 112).

Conforme o autor, devemos observar o fascismo, como movimentos e regimes no plural, ou seja, fascismos, que se impuseram como regimes de extrema direita em vários países da Europa.

Já Bertonha (2000) em seu artigo “A questão da ‘Internacional Fascista’ no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista”, enfatiza que:

O que é fundamental, de fato, é perceber como uma grande crise econômica, social e de valores motivada em grande parte pela hecatombe da I Guerra Mundial e pela crise do capitalismo e da democracia burguesa reverberou em situações políticas, em tradições culturais, em especificidades sociais, etc. semelhantes em nível macro, mas muito diversas em nível nacional, levando a resultados também diversos: o reformismo das instituições liberais nos países anglo-saxões, na França e na Escandinávia; a adoção de mecanismos fascistas associados a outros componentes de poder tradicionais como na Espanha e em Portugal; a ascensão de alguns fascismos (como o italiano e o alemão) ao poder e a eliminação de outros (como o Integralismo no Brasil), a presença de certas características em um fascismo e não em outro, etc. É nesse trabalho de entendimento de um contexto geral que, desdobrado em situações culturais, sociais e econômicas específicas, deu origem a diferentes respostas e conjunturas que podemos entender as razões do porquê de alguns fascismos triunfarem e outros não e as características de cada um. Sem essa visão da unidade e da diversidade dos fascismos não se pode entender o fascismo e toda a nossa discussão sobre a sua internacionalização perderia o sentido (BERTONHA, 2000, p. 102).

Acreditamos ser importante e relevante problematizar o fascismo de acordo com a retomada do assunto, “com novas abordagens e novas teorias explicativas” (SILVA, 2005, p. 113). Essa nova abordagem surge no final da década de 1980, e este fato ainda é abordado pelo autor apontando três motivos:

i. após os 50 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, vários países, como os Estados Unidos, a parte referente ao fascismo; ii. a reunificação alemã, a partir do fim do Muro de Berlim, em 1989, possibilitou a devolução e abertura de arquivos especificamente dedicados aos fascismo, como o Centro de Documentação de Berlim (antes, de posse dos Estados Unidos), no qual estão incluídos os arquivos da Gestapo; iii. e, por fim, mas talvez de suma importância, o ressurgimento do fascismo como movimento de massas em países como a França, Itália, Federação Russa ou na própria Alemanha obrigou os pesquisadores a rever as análises do fascismo que o vinculavam diretamente à conjuntura do pós-Primeira Guerra Mundial (SILVA, 2005, p. 113).

Para o autor, os estudos anteriores eram abordados como fatos históricos, ou seja, não havia muita possibilidade para uma análise mais conceitual, fora do conceito de um período histórico determinado e já findo da aventura humana. O interessante é que com a possibilidade de acessar novos documentos como o Centro de Documentação de Berlim, pode contribuir para conhecer conteúdos que ajudam a analisar melhor objeto de estudo, como aconteceu com o trabalho de Frank Dikotter (2012) chamado A Grande Fome de Mao.

O autor aborda a história da China, mais necessariamente sobre o período de governo de Mao Tsé-Tung o qual teria sido responsável por milhares de mortos em seu país entre 1958 e 1962. Dikotter (2012) teve acesso a documentos inéditos, o que antes só eram acessíveis a membros do partido comunista, e nos conta em detalhes sobre a política do Grande Salto Adiante instituída por Mao, que fantasiou uma competição com a união Soviética pela liderança do mundo comunista. Os camponeses foram forçados a trabalhar em terras coletivas (pertencentes ao Estado) para alimentar as cidades e prover bens para exportação e, com isso, sua própria sobrevivência ficava em último plano, o que acarretou em uma enorme quantidade de alimentos vendidos para promover a importação de equipamentos industriais e militares⁷.

A presença de novos documentos pode contribuir com o historiador para que tenha uma consciência histórica⁸ mais esclarecida, desde que o

⁷ Fonte: Blog Letras Extraordinárias de Christine Oliveira (Estudante de Letras na UFF pelo sistema EAD [Consórcio CEDERJ]).

⁸ Para Jörn Rüsen o pensar histórico, por meio da adoção de critérios de investigação e análise de fontes documentais ou pelo contato com as produções acadêmicas, produz consciência histórica, ainda que seus conteúdos possam e devam ser questionados quanto à extensão e à qualidade dessa consciência histórica.

objeto/documento possua conteúdo relevante para isso, como autenticidade, veracidade, se não foi corrompido/alterado de sua ideia original. Tanto Silva (2005), quanto Dikotter (2012) analisaram novas fontes documentais das quais serviram de base para estender o estudo sobre determinada ideologia política, um sobre fascismo e outro sobre comunismo.

Uma questão que ficou ramificada depois da Segunda Guerra Mundial foi o termo nazi-fascismo como elemento central da discussão para entender o resultado da catástrofe. Quando o nazi-fascismo (o contexto do: *Encontros com a História e Caminhos do Homem*, em ambos os casos centraliza bastante Alemanha nazista e a Itália fascista) é caracterizado de forma simples ou genérica e apresentam os seguintes pontos mais usados:

- Nacionalismo: identidade nacional de acordo com a ideologia política atuante;
- Totalitarismo: controle do Estado e do corpo social;
- Partido único: intolerância ao pluripartidário/proibição do mesmo;
- Culto ao líder: reverência incondicional ao líder;
- Anticomunismo: partido nazista e fascista tinham ideias opostas ao comunismo iniciado na década de 1920;
- Militarismo: investimento maciço de todo corpo militar para proteger e, ou, invadir outros territórios em prol do expansionismo;
- Expansionismo: invasão/dominação por meio militar a outros países.

O livro didático é um tema bastante discutido dentro do meio acadêmico, tendo como pontos: sua estrutura, limitação, ideologia, importância, etc. E tem já uma longa jornada desde sua concepção em 1929 quando o Estado brasileiro cria o Instituto Nacional do Livro (INL) e foi um processo gradativo para que pudesse haver uma política de legislação para controlar sua produção. Segundo Araújo (2015):

[...] foi apenas em 1934, no governo do presidente Vargas que o instituto começou a elaborar um dicionário nacional e uma enciclopédia e aumentar o número de bibliotecas públicas. Mas em 1938, o então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema sugeriu a criação de um decreto-lei que iria fiscalizar a elaboração do livro didático, e com isso o governo iria controlar a informações que iria circular dentro das escolas. [...] Muitas formas foram

experimentadas por vários governos, durante 67 anos (1929 a 1996), para que o livro didático chegasse às salas de aula, mas somente com a extinção da FAE – Fundação de Assistência ao Estudante – em 1997, e com a transferência integral da política de execução do PNLD – Programa Nacional do Livro Didático – para o FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – é que se iniciou uma produção e distribuição contínua e massiva de livros didáticos. (ARAÚJO, 2015, p. 03).

Além desse ponto histórico, ainda há outro fator, a produção do livro didático que passa por uma avaliação criteriosa levando em consideração oito pontos importantes que, segundo o Guia de Livros Didáticos do Ensino Fundamental – História (2017):

- 1) Em primeiro lugar, o MEC, por meio da Secretaria da Educação Básica e da Comissão Técnica para o PNLD – nesse caso, um grupo de especialistas de Universidades para cada uma das áreas específicas, designado pelo MEC – lança um Edital público, no qual são estabelecidos os critérios que nortearão a avaliação. De posse desse Edital, as Editoras apresentam as obras para avaliação. Por que isso é importante? Porque o Brasil possui um sistema PÚBLICO de avaliação, cujos critérios são democráticos e transparentes, de conhecimento da sociedade brasileira e que visam preservar a qualidade das obras didáticas oferecidas aos estudantes.
- 2) Uma vez inscritas, as obras passam por uma triagem, realizada pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) de São Paulo. Nessa triagem, são verificadas condições básicas de qualidade como resistência, observância de critérios mínimos quanto a papel, impressão etc. São também verificados os documentos apresentados pela Editora, o que envolve a legalidade de uma produção sujeita a Direitos autorais e que, para ser comprada pelo Governo, tem que estar dentro de normas regulamentares.
- 3) As Universidades públicas brasileiras, atendendo a outro Edital, candidatam-se para avaliar as diversas áreas do conhecimento. Suas propostas são analisadas por uma comissão designada pela Secretaria de Educação Básica – SEB. No caso da área de História, para o PNLD 2017 foi selecionada a Universidade Estadual de Londrina. Essa escolha considerou o projeto apresentado por aquela instituição, bem como o reconhecimento nacional de seus pesquisadores e sua produção a respeito do Ensino de História.
- 4) A coordenação pedagógica de área, juntamente com as coordenações adjuntas e a assessoria pedagógica, após definição da Universidade

selecionada, prepara e coordena todo o processo de avaliação, durante todas as etapas, com a supervisão da Comissão Técnica do MEC: define as fichas que serão usadas, convida os avaliadores de diferentes regiões brasileiras, cuida de toda logística de distribuição de obras para os avaliadores, coordena o trabalho de análise, finaliza todos os pareceres e resenhas e prepara a versão final do Guia.

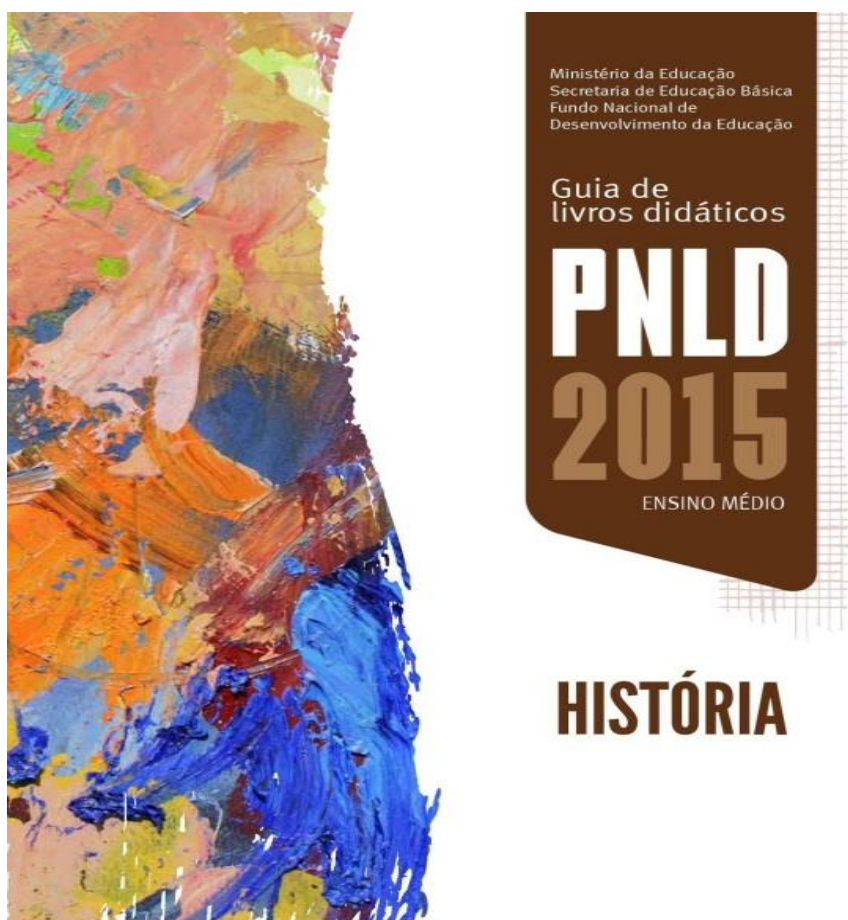
- 5) Duplas de avaliadores leem cuidadosamente cada coleção, tendo em vista os critérios estabelecidos no Edital, e emitem seus pareceres em detalhadas e complexas fichas de avaliação. As coleções são descaracterizadas e cada avaliador não sabe quem é o seu par até que sua avaliação individual se finalize e se passe à etapa de consolidação do parecer em torno da obra.
- 6) Após um período de discussão entre pareceristas, coordenação de área e coordenação adjunta, as obras são classificadas em aprovadas ou reprovadas, sendo que as aprovadas têm suas resenhas lidas por um grupo de Professores da Rede Pública. Esses professores avaliam a validade, consistência e clareza da resenha e, principalmente, sua condição de ser um instrumento que favoreça a leitura por parte de outros professores do país.
- 7) Uma equipe composta pela assessoria de área, coordenação de área, revisores e diagramadores preparam o Guia em sua versão final.
- 8) O MEC publica, após a validação de todo o trabalho pela Comissão Técnica da área, o Guia para que sirva à escolha a ser feita por parte de professores nas escolas.

Além dessas questões relacionadas a produção do Livro Didático é necessário atender também em:

- 1) Estereótipos e preconceito de qualquer espécie e que violem os Direitos Humanos essenciais;
- 2) Obras que fizerem proselitismo religioso ou político, o que não significa dizer que a obra não possa tratar pedagogicamente desses temas que são, na verdade, questões da sociedade e da cultura e encontram-se presentes nos debates em torno da sociedade brasileira no tempo atual. O que não pode é, na coleção, construir-se um pensamento único e de caráter doutrinário.
- 3) A obra não pode conter publicidade de produtos que apareça de modo gratuito e descontextualizado, em relação ao conteúdo abordado. Isso não significa abdicar de toda e qualquer imagem de produtos comercializados – no presente e no passado –, mas avaliar a pertinência e a coerência de sua apresentação diante do texto-base.

- 4) A obra não pode conter circunstâncias gratuitas e descontextualizadas de violência e de ostentação de armas. Todavia, não podemos esquecer que as guerras são um elemento constitutivo da História humana e, nesse sentido, por vezes o tratamento de suas estratégias e armas pode vir a ser necessário para a compreensão dos processos abordados.

Fig. 1- PNLD 2015 – Ensino Médio⁹



Fonte: <http://pt.calameo.com/books/0036407257deb60f73dfd> acessado em 23/10/2017.

O Livro Didático de História deve levar em conta os cuidados interpretativos de cada recorte temporal devido aos conceitos que os discentes podem ter sobre determinados personagens que se destacam em suas temporalidades como Tiradentes, Zumbi dos Palmares, Marechal Deodoro da Fonseca, Princesa Isabel, Getúlio Vargas entre tantos outros.

⁹ As ilustrações do texto tem como objetivo apresentar os documentos analisados.

A proposta do livro didático, evidentemente, não é buscar transformar discentes em historiadores, uma vez que o Ensino Fundamental e Médio apresentam um estudo dentro das normas do MEC sobre a História. Portanto, cada capítulo pode ser pensado para abordar os caminhos da humanidade em textos contendo uma narrativa adequada para o entendimento dos discentes segundo o ensino que estão (Fundamental e Médio) muita coisa importante pode ficar de fora. O objetivo aqui é tentar entender, em especial o fascismo, como conceito amplo que agrega diversas práticas, em diversos países, sobre qual ponto de vista é abordado no livro didático levando em conta as considerações de Silva (2005):

O fascismo inseria-se numa cadeia de acontecimentos marcados pela unificação alemã e o Resorgimento italiano, a Primeira Guerra Mundial, o Tratado de Versalhes e a Grande Depressão de 1929. Como tal constelação de eventos não seria absolutamente passível de repetição, o fascismo – com seu terrível corolário de atrocidades – pertenceria bem mais aos livros de história e não ao cenário político contemporâneo (SILVA, 2005, p. 121).

Os pontos que Encontros com a História e Caminhos do Homem trazem, o que será proposto no segundo capítulo desse trabalho nos permitirá averiguar a comparação entre os mesmos, já que ambos podem ter posicionamentos diferentes. Para Miranda (2004), o livro didático tem suas complexidades sendo também um produto cultural além de que:

[...] não deve ser tomado unicamente em função do que contém sob o ponto de vista normativo, uma vez que não só sua produção vinculasse a múltiplas possibilidades de didatização do saber histórico, como também sua utilização pode ensejar práticas de leitura muito diversas. Tampouco os efeitos da ação avaliativa implementada pelo Ministério da Educação podem ser vistos exclusivamente com base em uma premissa homogeneizadora de práticas e perspectivas quanto à História, sobretudo se considerarmos um breve histórico a respeito do papel regulador e/ou intervencionista do Estado nesse nicho particular de mercado e as circunstâncias políticas contemporâneas resultantes da prática avaliativa (MIRANDA, 2004, p. 4).

Além do que o livro didático é proposto para as escolas públicas para recebê-lo periodicamente do PNLD, que são adquiridas e distribuídas pelo MEC para todo Brasil, por intermédio do FNDE. Depois de criteriosa avaliação

pela SEB, o livro tem “vida útil de três anos”, depois volta todo o processo de avaliação e distribuição. Segundo os autores do livro *Caminhos do Homem*, Marques e Berutti (2015):

Esta coleção foi pensada e escrita para que determinados temas que compõem aquilo que os historiadores denominam de **cultura histórica** (grifo dos autores) sejam estudados e analisados. Transitar entre o presente e o passado, uma das preocupações de quem produz o conhecimento histórico, possibilita a construção de respostas para questões e as inquietações colocadas pelos homens do tempo presente [...] (MARQUES & BERUTTI, 2015, p. 03).

No que ainda diz respeito ao livro didático *Caminhos do Homem* (2016) é montada uma análise com seis tópicos na página 54, os autores utilizam de um texto de Michel (1977) chamado “As rejeições do fascismo”, retirado do livro *Os Fascismos*, para falar de alguns conceitos da ideologia fascista:

O que o fascismo rejeita totalmente é a sociedade liberal do século XIX. O fascismo não crê que os homens sejam iguais nem que o homem seja naturalmente bom. Essa condenação dá origem a algumas rejeições:

1. Rejeição da democracia, considerada “podre”, porque sendo um regime de fraqueza dominado pelos grupos de pressão, é incapaz de salvaguardar o interesse nacional.
2. Rejeição do individualismo; [...] dos direitos do homem; [...] porque o indivíduo não tem nenhum direito; apenas existe pela comunidade na qual se integra; precisa ser enquadrado e comandado.
3. Rejeição da sociedade liberal, porque a liberdade degenera em licença, e a licença em enfraquecimento da união do grupo; o grupo tem o direito de punir aqueles que se recusam se unir a ele.
4. Rejeição dum comportamento comandado pela razão, que abafa o impulso vital; o fascismo é uma reação anti-intelectualista; prega o culto da ação, proclama a virtude da violência.
5. Ao mesmo tempo, o fascismo combate o “socialismo marxista”, porque este é fundado na luta de classes e conduz à divisão e ao enfraquecimento da vida social.

6. Censura também a liberdade econômica, que permite aos fortes esmagar os fracos, e muitas vezes esconde o domínio de um povo pobre por outro mais rico.

De certa forma, os autores abordam elementos da essência da ideologia do fascismo, mas como estrito ao passado, na tentativa de chegar a um conceito do fenômeno político-ideológico. Entre outros aspectos que são apresentados, tanto livro do ensino médio, como no livro didático do Ensino Fundamental buscam dar sentido a esta questão ideológica. De como tratar sobre esse fenômeno, seja na utilização de interpretação de imagens, letras de músicas, caricaturas, charges, esculturas, fotografias, obras de arquitetura, pinturas, documentos da época, etc.

Entre a composição dos livros didáticos aqui escolhidos para análise juntamente com o estudo do “neofascismo” que ainda pode estar vivo e disperso pelo mundo, cabe distinguir suas interpretações que possuem o poder da orientação histórica seja ela definida como fato ou fenômeno. Na proposição de João Bernardo (1998), o fascismo foi vencido militarmente, porém, sua ideologia é outra questão.

No próximo capítulo analisarei mais didaticamente os livros didáticos: *Encontros com a História* Ribeiro e Anastasia (2016) e *Caminhos do Homem* de Marques e Berutti (2016).

CAPÍTULO 2 – O FASCISMO NO CONTEXTO DO LIVRO DIDÁTICO – ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

“Em nome de interesses pessoais, muitos abdicam do pensamento crítico, engolem abusos e sorriem para quem desprezam. Abdicar de pensar também é crime”.

Hannah Arendt

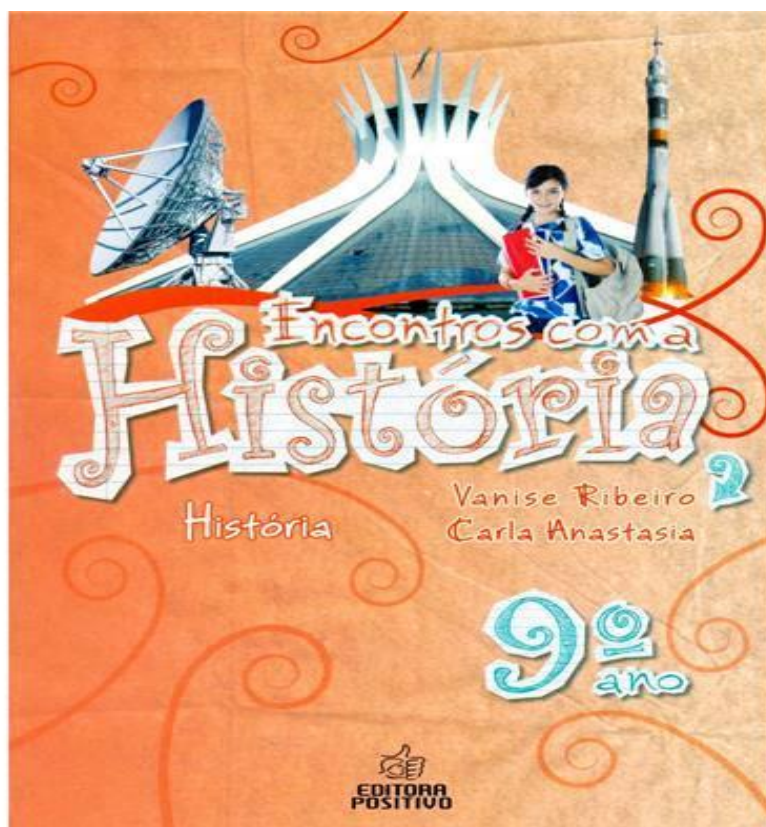
A aplicação da proposta do MEC referente ao estudo de conteúdo sobre a ideologia do fascismo abre a possibilidade, neste capítulo, de observar os aspectos abordados, a começar pelo livro do Ensino Fundamental: Encontros com a História (2016) para em seguida abordar uma análise do livro do Ensino Médio: Caminhos do Homem (2016) selecionado para o desenvolvimento desta pesquisa.

Tomamos como referência o livro didático das autoras Ribeiro e Anastasia (2016) direcionado para o 9º ano, nos tópicos referentes ao fascismo começando no Tema 3 com o título “Era da catástrofe: crise econômica e radicalização política”.

2.1 – FASCISMO NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL

No livro *Encontros com a História*, há distintos pontos estratégicos para começar a explicação sobre a origem do autoritarismo desde o primeiro tópico: Anos 1920: prosperidade e crise, onde foram levantadas questões pertinentes ao antagonismo econômico estadunidense – da prosperidade – da Grande Depressão – e da recuperação econômica (p. 48 a 57). A seguir no módulo 3. Do liberalismo ao totalitarismo, pertinente também na palavra “crise” como vetor forjador de ideologias antidemocráticas (p. 58 a 60).

Fig. 2 – Capa do Livro Encontro com a História – 9º ano

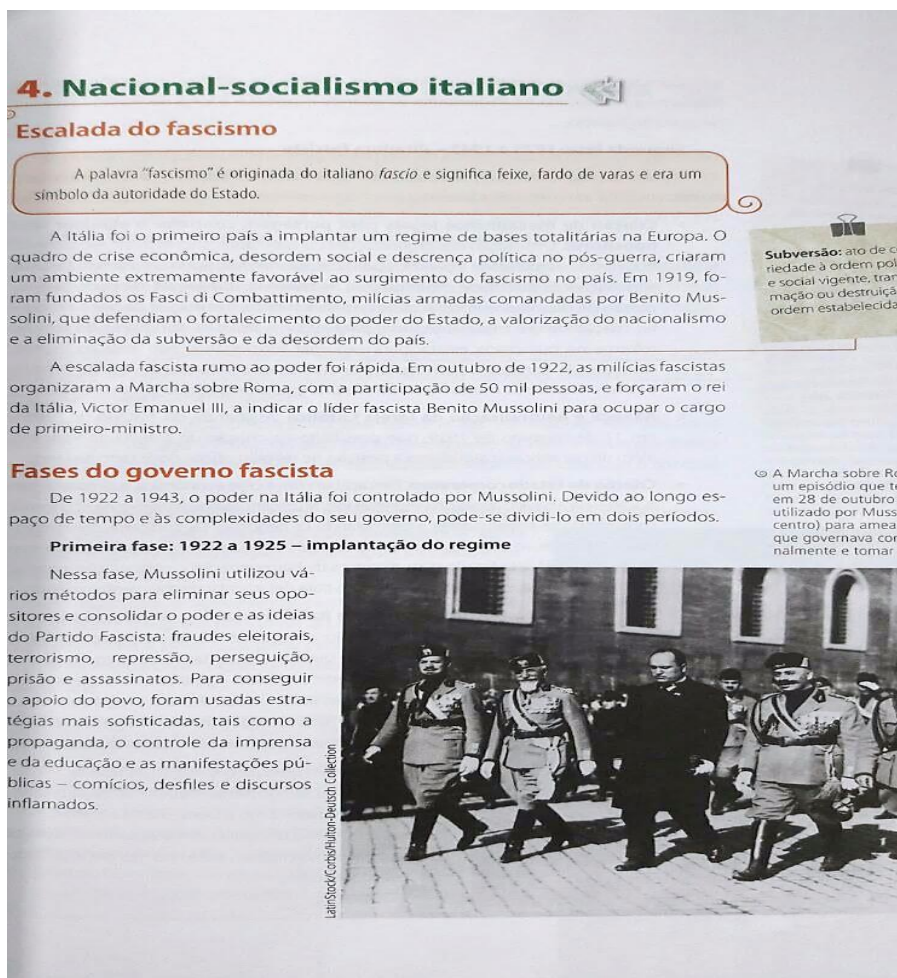


(<http://www.casasbahiaimagens.com.br/Control/ArquivoExibir.aspx?IdArquivo=242827827>
acessado em 23/10/2017).

Já no módulo 4, “Nacional-socialismo italiano” trata da escala do fascismo, do mesmo ponto de vista interpretativo de Silva (2005): “A palavra fascismo é originada *fascio* e significa feixe, fardo de varas e era um símbolo da autoridade do Estado” (ANASTASIA & RIBEIRO, 2016, p. 61).

Num primeiro momento, as autoras apresentam aos discentes do 9º ano o significado etimológico de fascismo para, em seguida, lançar o campo geográfico – Itália – como foco da discussão e sem, evidentemente, colocar na equação seu criador – Benito Mussolini. Aproximamo-nos aqui do que Rüsen (2012) fala em relação à necessidade da identificação histórico quanto ao recorte temporal, o lugar e sobre quem se fala.

Fig. 3. Página do livro *Encontros com a História sobre Nacional-socialismo italiano*.



Fonte: Livro *Encontros com a História*, p. 61.

Eventualmente são mostrados no livro linearmente alguns passos importantes do crescimento da ideologia fascista e de seu criador, Mussolini. São apresentadas duas fases do fascismo entre 1922-1925: implantação do regime e 1925-1943: ditadura fascista. Na primeira fase, "Mussolini utilizou várias formas para eliminar seus oponentes consolidando assim seu poder e ideias do Partido Fascista, o que necessariamente temos alguns adjetivos dessa ideologia: terrorismo, repressão, perseguição, prisão e assassinatos" (RIBEIRO & ANASTASIA, 2016, p. 61).

Além de usarem de estratégias sofisticadas para ganharem aprovação do povo, como a propaganda, controle da imprensa e da educação (p. 61). O resultado fortuito foi positivo sendo que em 1924, os deputados fascistas passaram a ser maioria no Parlamento (RIBEIRO & ANASTASIA, 2016, p. 62). Já na segunda fase, as autoras ampliam mais quatro tópicos explicativos:

- Criação de mecanismos legais para perseguir, controlar e eliminar seus opositores.
- Aliança e neutralização da Igreja Católica.
- Criação do Estado corporativo
- Incentivo à expansão imperialista da Itália.

Embora o fascismo esteja ligado a Mussolini, não há dentro de qualquer literatura um conceito capcioso como coloca-lo na figura de um grande líder de igual modo que é abordado Hitler e Stálin, ambas as figuras do autoritarismo:

Um elemento recorrente na literatura que adota conceito é a ênfase nos procedimentos ora do conjunto do aparelho político (partido, Estado, forças armadas, polícia secreta etc.), ora na liderança e condução incontestada do grande líder (daí hitlerismo, stalinismo, etc.), pautando-se sempre por uma ausência notável de qualquer análise da participação das chamadas massas populares (SILVA, 2005, p. 119-120).

Uma narrativa faz muito diferença para o entendimento de qualquer conteúdo, o contrário pode-se levar a discernir elementos importantes o oposto do ocorrido. Anastasia e Ribeiro (2016) mostram os acontecimentos em colunas distintas como se não houvesse alguma parceria dos líderes como foi o caso do pacto/parceria entre a Alemanha nazista com a União Soviética de Stálin feita no dia 23 de agosto de 1939, conhecido como pacto Ribbentrop-Molotov e o pacto de Aço, ou Pacto da Amizade, que foi entre Alemanha e a Itália, sendo um acordo político e militar assinado no dia 22 de maio de 1939.

Segundo Buchanan (2008), Mussolini não tinha afeições pela ideologia nazista quanto a Hitler. Mas a admiração de Hitler por Il Duce beirava a

adulação (p. 177). Mussolini chegava a considerar um insulto ao seu fascismo quando comparado do nazismo de Hitler:

Ambos são sistemas autoritários, ambos são coletivistas, socialistas. Ambos os sistemas se opõem ao liberalismo. No entanto, o fascismo é um regime enraizado na grande tradição cultural do povo italiano; reconhece o direito do indivíduo, admite como verdadeiras a religião e a família. O nacional-socialismo (...) é barbarismo selvagem; o chefe tribal tem o poder sobre a vida e a morte de seu povo. Assassinato e extermínio, saque e pilhagem e chantagem são coisas que ele costuma produzir (BUCHANAN, 2008, p. 184).

Neste caso, há um contraponto importante para averiguar os acontecimentos com maior visibilidade, a partir do momento em que é apresentada a formação de um pacto – Roma-Berlim – por estratégias políticas. O que levou Mussolini a querer aliar-se com a Alemanha foi seu fracasso na Guerra da Abissínia. “As tropas italianas tinham um número considerado de soldados com armamentos modernos para combater tribais africanos; mesmo assim, foi uma carnificina” (BUCHANAN, 2008, p. 201).

E Mussolini não pretendia deixar isto de lado, a Inglaterra que até então tentava manter parceria acabou perdendo a Itália graças a sua diplomacia e no dia 15 de julho de 1936, a Liga das Nações suspendeu as sanções contra a Itália. “[...] Mussolini já havia se juntado ao Hitler que tanto detestava” (BUCHANAN, 2008, p. 206).

Depois que Ribeiro e Anastasia (2016) mostrar os dados fundamentais que dão sentido ao ideário fascista na pessoa de Mussolini dentro da Itália é seguido do módulo 5, “Nacional-socialismo na Alemanha”. Até aqui, o processo narrativo é preciso como uma ação histórica datada e não há nenhum apontamento fora desta órbita proposto por Silva (2005).

Outro dado interessante é a ausência da foto de Mussolini e de ter apenas uma foto modesta de Hitler que, normalmente, aparecem mais grandiosos para elucidar o conteúdo. Imagens ajudam na identificação do sujeito e tanto Hitler quanto Mussolini é usado em conteúdos abordados na Segunda Guerra Mundial.

No tópico 5 há elementos sobre a ascensão do nazismo ao qual começa a narrativa no entre guerras (1919-1939). É focada a crise da Alemanha mediante ao resultado da guerra que culminou na crise econômica em 1923 quando a inflação atingiu 400% ao mês, e em 1930, reflexo do crash de 1929, que praticamente faliu a economia alemã –, a situação política e social era grave (ANASTASIA & RIBEIRO, 2016, p. 63). O que foi pertinente para o surgimento e fortalecimento de ideias antidemocráticas, pois antes, o país era um império e passou a se chamar República de Weimar em 1918.

As autoras justificam o fascismo como um fator resultante do surgimento do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, formado por ex-combatentes da Primeira Guerra Mundial e jovens nacionalistas (ANASTASIA & RIBEIRO, 2016, p. 63). Os movimentos fascista e nazista eram expressões da expansão burguesa e de seu desejo de ver a sociedade organizada de modo a favorecer sua contínua ascensão social (GRAND, 2005, p. 29).

A questão pode ser mais complexa e até ser pertinente inserir uma narrativa mais simples para tratar de questões políticas para uma turma do 9º ano que estão no início da abordagem nazifascista. O que o governo nazista representou para os outros países, o apoio pelos simpatizantes políticos e de que forma, até onde o povo alemão sabia da atuação de Hitler e sobre os campos de concentração, são algumas questões lançadas para se esclarecer sobre a história sem repudiá-la e sem fazer dela algum tipo de apologia ao período estudado.

No posicionamento histórico com relação ao fascismo podem-se cometer equívocos ao descrever este fenômeno simplesmente como, segundo Silva (2015):

[...] posicionamentos que só reconhecem na Alemanha do Terceiro Reich a existência de um verdadeiro fascismo ou, pelo contrário, negam ao nazismo qualquer relação histórica ou política como os demais regimes autoritários, que o antecederam ou lhe foram contemporâneos (SILVA, 2005, p. 118).

Fig. 4. Nacional-socialismo na Alemanha

5. Nacional-socialismo na Alemanha

Ascensão do nazismo

O período entreguerras (1919-1939) se tornou um campo propício para o surgimento e fortalecimento de ideias e práticas antidemocráticas. Na Alemanha, castigada pela Primeira Grande Guerra, pelo Tratado de Versalhes e por duas crises econômicas – em 1923, quando a inflação atingiu o absurdo índice de 400% ao mês, e em 1930, reflexo do *crash* de 1929, que praticamente faliu a economia alemã –, a situação política e social era grave.

A Alemanha, que até a Primeira Guerra era um império, transformou-se numa República em 1918, chamada **República de Weimar**. A organização política era essencialmente liberal: eleições universais, liberdade partidária e de expressão, fortalecimento do Parlamento (*Reichstag*), criação do cargo de chanceler (primeiro-ministro) para chefiar o governo.

Entretanto, o governo republicano tinha sérias dificuldades em administrar o país e conter o avanço do terrorismo político, da crise econômica e do caos social. Tentativas de golpes, revolução e atentados eram frequentes.

Nesse contexto, surgiu o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (mais conhecido por sua sigla – Nazis), formado por ex-combatentes da Primeira Guerra e jovens nacionalistas. Um de seus integrantes, o ex-cabo austríaco Adolf Hitler, tornou-se o principal líder nazista.


Além de disputar eleições regionais e nacionais, o Partido Nazista possuía uma força paramilitar, a SA (*Sturmabteilungen*) organizada e dirigida pelo nazista Ernest Röhm, que promovia ataques a organizações socialistas e tentativas golpistas para assumir o poder.

Em 1923, com o agravamento da crise econômica, os nazistas tentaram um golpe para tomar o poder em Munique, mas foram derrotados e Hitler ficou preso durante nove meses, época em que escreveu a obra fundadora do nazismo, o livro *Mein Kampf* (Minha Luta).

Comunistas tentam tomar o poder na Alemanha

Enquanto o nazismo estava sendo gestado, outra corrente política também lutava para tomar o poder na Alemanha. Em 1919, os comunistas organizaram uma revolução, mas foram duramente reprimidos pelo governo e seus líderes foram presos e executados, entre eles os filósofos Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Esse fato contribuiu para o avanço da violência de grupos direitistas que responsabilizavam os socialistas e os liberais pelo caos na Alemanha.

© Suástica, ou cruz gêmea, é um símbolo muito antigo que aparece em algumas culturas. A suástica nazista teria sido usada como uma referência à sua origem ariana (procedida da Índia) do povo alertado aparecendo na bandeira do Partido Nazista desde 1920. A suástica hindu é um desenho distinto, com as hastas centrais formando ângulos de 90 graus e o sentido da rotação oposto ao da nazista. Foto: templo da religião Caodai, na cidade de Hanoi, Vietnã



Fonte: Encontros com a História, p. 63.

O próximo tópico, as autoras tratam sobre “Os nazistas no poder”, começando na década de 1930, como consequência do colapso econômico, os nazistas conseguiram eleger 107 deputados para o Reichstag, tornando-se numa importante força política (ANASTASIA & RIBEIRO, 2016, p.64). Fato semelhante com a ascensão de Mussolini na Itália, com o gradativo aumento de membros fascistas nas cadeiras do Parlamento na década de 1920. Mas, ainda não foi a total vitória de Hitler, ficando com o título de chanceler, pois seu opositor Paul von Hindenburg foi eleito presidente da República.


Fig. 5. As práticas totalitárias.

As práticas totalitárias

Para impor o ideal político e social nazista na Alemanha, o regime hitlerista utilizou diferentes e eficientes mecanismos típicos de uma ditadura. Confira a seguir.

- **Terrorismo político:** a Gestapo (sigla de Geheime Staats Polizei, polícia secreta do estado, em alemão) e as tropas de choque nazistas, as SS (sigla de Schutzstaffel, esquadrão de proteção), promoviam atentados, torturas e assassinatos para eliminar opositores e intimidar a população. As autoridades judiciárias, por medo ou cumplicidade, nada faziam contra esses abusos.
- **Censura e propaganda:** todos os meios de comunicação – rádio, jornais, revistas, cinema – eram controlados e censurados pelo governo e utilizados para fazer propaganda e enaltecimento do governo nazista e dos seus líderes. Estimulavam ainda o nacionalismo e o revanchismo contra estrangeiros, comunistas e judeus, a quem era atribuída a responsabilidade pela ruína do país na década de 1920 e apresentados como os grandes inimigos do povo alemão.
- **Festas e concentrações cívicas:** gigantescas manifestações, desfiles e comícios eram organizados para promover o apoio popular e reforçar o poder e a grandeza do Terceiro Reich. Além disso, as escolas, a arte e os filmes, controlados por órgãos governamentais, divulgavam e enalteciam as ideias nazistas.

O êxito econômico nazista também reforçava a ideia, defendida e supervalorizada pelos seus propagandistas, de que o regime era o melhor para a Alemanha: a produção nacional aumentou mais de 100% entre 1933 e 1938; o número de desempregados caiu de 6 milhões para 1 milhão e eliminou-se a hiperinflação, situação em que o dinheiro se desvaloriza muito até mesmo várias vezes ao dia sendo preciso uma quantia cada vez maior para comprar um mesmo produto.



↳ A cineasta Leni Riefenstahl foi uma das primeiras pessoas contratadas a usar o cinema com fins declaradamente pró-nazistas. Embora muitos de seus documentários tivessem encenações, o seu naturalismo era tão grande, que para o público tudo parecia mero "registro dos fatos". Na imagem de 1934, Leni aparece dirigindo o filme de propaganda nazista *O triunfo da vontade*.

Fonte: Encontros com a História, p. 65.

Embora Hitler tenha chegado ao poder pela via constitucional, os próximos anos definhariam a democracia alemã como é abordado no Livro Didático ao apontar seis datas em especial presentes na página 64, com colocações mais específicas:

- 27 de fevereiro de 1933 – aprovação de um decreto suspendendo os direitos e liberdades dos cidadãos;
- 7 de março de 1933 – aprovação do Ato de Autorização, concedendo ao chanceler o poder de decretar leis sem a aprovação parlamentar, por quatro anos;

- 7 de abril de 1933 – decretada a Lei do Funcionalismo Público, que definia o expurgo dos cargos públicos de judeus, socialistas e qualquer pessoa contrária ao regime;
- 14 de julho de 1933 – instituição do unipartidarismo. O Partido Nazista passou a ser o único partido político legal na Alemanha, todos os outros foram proibidos e vários de seus líderes, presos ou assassinados;
- 30 de junho de 1934 – para conseguir o apoio do exército para o programa de rearmamento e sua continuação no poder, Hitler ordenou que as tropas da SA fossem eliminadas numa emboscada conhecida como “Noite dos Longos Punhais”, quando mais de 3000 membros da SA (entre eles o chefe da SA e amigo pessoal de Hitler, Ernst Röhm) foram assassinados;
- Agosto de 1934 – o presidente da Alemanha, Hindenburg, morreu e Hitler assumiu a Presidência, concedendo a si mesmo o título de Führer, líder absoluto do novo Império Alemão.

As datas elucidam para os discentes do 9º ano um processo ao qual Adolf Hitler está inserido dentro da História com um paradigma linear, ou seja, ordenado pelas ações e reações. Doravante, seguem na próxima página “As práticas totalitárias” como pode ser observado na imagem anterior, justificando o modelo político usado na Alemanha que é o autoritarismo, fruto do nazismo em que as autoras Ribeiro e Anastasia (2016) abordam como: terrorismo político (ex: Gestapo e a polícia secreta SS), censura e propaganda (ex: rádio, jornais, revistas, cinema e etc.) e festas e concentrações cívicas (ex: gigantescas festas, manifestações, desfiles e comícios eram organizados para promover o apoio popular e reforçar o poder e a grandeza do Terceiro Reich).

A ideia principal está na transformação econômica da Alemanha tendo a produção nacional “aumentada mais de 100% entre 1933 e 1938; o número de desempregados caiu de 6 milhões para 1 milhão e eliminou a hiperinflação” (RIBEIRO & ANASTASIA, 2016, p. 65); ao que Le Bon (2008) diz que a “multidão se curva servilmente perante uma autoridade forte” (p. 55). Neste caso é de considerar que as ações de Hitler conseguiram tirar a Alemanha do estado deplorável do pós-guerra.

O próximo assunto tratado no Livro Didático analisado é a questão do “Antissemitismo”, para mostrar que havia uma ideia da superioridade da raça ariana (RIBEIRO & ANASTASIA, 2016 p. 66). Aqui temos um texto bem sucinto e alcança seu objetivo central com uma narrativa simples seguindo os passos que o nazismo utilizou para acabar com os direitos dos judeus como proibindo de casar com alemães ou de fazer uso da educação pública, além de terem suas propriedades e bens confiscados.

Entra a violência e o aumento do desprezo dos alemães que os proibiam de frequentar estabelecimentos e em 1938 aconteceu a “Noite dos Cristais” onde várias vitrines de lojas judaicas foram destruídas por jovens nazistas (RIBEIRO & ANASTASIA, 2016 p. 66).

Os campos de concentração finalizam o texto de forma rasa e rápida sem levantar algum enfoque mais esclarecedor do motivo da “Solução Final” ou Holocausto e termina com uma pequena nota explicando “Quem são os judeus”. Arendt (1989) consegue fazer uma observação profunda em que adentra na concepção mais psicológica ou quem sabe antropológica dos atos nazistas para com o povo judeu ao desmitificar o rótulo de malignidade dos alemães. Para autora, os alemães mesmo com atos violentos contra os judeus, não levavam isso como algo errado, mas sim um dever como qualquer outro, e ao chegarem e suas casas liam histórias de dormir para seus filhos, frequentavam cinema normalmente, namoravam e no dia seguinte disposto a torturarem e matar judeus.

E para finalizar o Livro Didático em discussão, no Tema 3 traz no tópico 6 a “Expansão dos regimes autoritários” (p. 67 a 69), seguido do subtítulo “Mundialização do autoritarismo”; trazendo colocações a despeito da crise do liberalismo que se tornou mundial a partir do início dos anos 1930 (ANASTASIA & RIBEIRO, 2016, p. 67). As autoras fazem um pequeno texto relatando que, embora cada país tivesse suas particularidades históricas, pode-se perceber que a crise econômica, a ampliação dos conflitos sociais devido à pauperização dos trabalhadores e o conseqüente avanço dos partidos e organizações de esquerda (tendência socialista) foram elementos comuns que levaram ao endurecimento político em diferentes países do mundo (ANASTASIA & RIBEIRO, 2016, p. 67).

Fig. 6. Expansão dos regimes autoritários.

6. Expansão dos regimes autoritários

Mundialização do autoritarismo


A crise do liberalismo tornou-se mundial a partir do início dos anos 1930. As fórmulas liberais e democráticas eram duramente criticadas e em muitos lugares foram substituídas por regimes de caráter autoritário e ditatorial.

Apesar das particularidades históricas de cada país, pode-se perceber que a crise econômica, a ampliação dos conflitos sociais devido à pauperização dos trabalhadores e o consequente avanço dos partidos e organizações de esquerda (tendência socialista) foram elementos comuns que levaram ao endurecimento político em diferentes países do mundo.

Em Portugal, o clima político era tenso desde a proclamação da República em 1910. A partir de 1926, a crise econômica ampliou os conflitos sociais, levando a elite a apoiar as propostas nacionalistas ditatoriais e antissocialistas do general Carmona. No governo de Carmona, destacou-se o ministro da Fazenda, Antônio de Oliveira Salazar. Suas medidas econômicas agradaram aos empresários, fortalecendo sua imagem política. Em 1933, Salazar já havia assumido o cargo de primeiro-ministro e impôs ao país uma nova constituição de natureza fascista chamada Estado Novo, implantando um regime político autoritário. A ditadura de Salazar, conhecida como salazarismo, durou até 1974, quando o regime foi deposto pela Revolução dos Cravos.

Com a Revolução dos Cravos, ocorrida no dia 25 de abril de 1974, oficiais derrubaram o governo ditatorial em Portugal iniciado por Antônio Salazar em 1933 e mantido por seu sucessor Marcelo Caetano. A vitória dos manifestantes foi celebrada pela população com a entrega de cravos aos soldados. Esse gesto deu o nome ao movimento.

Pauperização: empobrecimento.



Autoritarismo na América Latina

Na América Latina, os regimes de inspiração fascista desenvolveram-se um pouco mais tarde do que na Europa, com características próprias ou adaptadas às condições internas de cada país. Pode-se apontar como principais políticos de influência fascista na América Latina: Jorge Eliezer Gaitán, na Colômbia; Juan Domingo Perón, na Argentina; e Getúlio Vargas, no Brasil, que instituiu, em 1937, o Estado Novo, um regime de tendências claramente fascistas.

Entre as características do fascismo nos regimes latino-americanos durante as décadas de 1930, 1940 e 1950, estão: o autoritarismo governamental, o culto de líderes políticos que se tornam muito populares e a mobilização e manipulação das massas populares. Por isso, em geral esses governantes são definidos como populistas. Entretanto, enquanto os regimes fascistas europeus destruíram os movimentos trabalhistas, os regimes populistas latino-americanos os trouxeram para dentro do Estado, transformando-os na sua principal base de apoio político.

Fonte: Encontros com a História, p. 67.

Ribeiro e Anastasia (2016) utilizam de exemplo, Portugal que em 1926 (dezesseis anos após a Proclamação de sua República), a crise provocou conflitos sociais, levando a elite a apoiar as propostas nacionalistas ditatoriais e antissocialistas do general Carmona. Mas a figura central é o ministro da Fazenda, Antônio Salazar, que propôs medidas econômicas que agradaram aos empresários, o que fortaleceu sua imagem política, e com isso, “em 1933, Salazar assumi o cargo de primeiro-ministro, não demora muito para impor ao país uma nova constituição de natureza fascista e autoritária, conhecida como salazarismo” (ANASTASIA & RIBEIRO, 2016, p. 67).

Parece que as histórias dos ditadores não são muitos diferentes, nascendo de uma crise, propõem saídas para o país, sobem ao poder gradativamente e colocam medidas fascistas, assim, podemos observar que o hitlerismo não só aponta a Alemanha, ou mesmo a Itália de Mussolini como

pontos únicos que utilizaram de uma ideologia política antidemocrática relatada na discussão de Silva (2005). Essa informação ajuda a direcionar o estudo com maior dimensão sobre o mapa geográfico do fascismo, que o autoritarismo foi elemento presente na América Latina, e segundo Ribeiro e Anastasia (2016), surgiram de forma tardia se adaptaram conforme a realidade de cada país tendo como exemplo da influência fascista: Jorge Eliezer Gaitán, na Colômbia; Juan Domingo Perón, na Argentina; e Getúlio Vargas, no Brasil (ANASTASIA & RIBEIRO, 2016, p. 67).

Fig. 7. Resultados e consequências da guerra.

Consulte o Manual do Professor e tenha acesso à Leitura Complementar "1945: Mulheres começam a reconstruir Berlim após a guerra".

3. Resultados e consequências da guerra

A Segunda Guerra foi realmente total e brutal: durou seis anos e provocou em total de 55 milhões de mortes; 35 milhões de feridos, 20 milhões de órfãos e 190 milhões de refugiados.


Do ponto de vista material, a guerra provocou a destruição de 70% da infraestrutura da Europa: dezenas de estradas, pontes, fábricas, linhas férreas, cidades e lugarejos destruídos. A reconstrução foi difícil, demorada e cara.

Do ponto de vista político, a guerra fortaleceu as principais potências aliadas – Inglaterra e URSS – cujos chefes de Estado passaram a liderar as negociações de paz e reconstrução da ordem mundial após o conflito.

Os líderes mundiais estabeleceram acordos de novas fronteiras, delimitação de influência, além de estabelecer os princípios básicos das relações internacionais após a guerra. As principais decisões foram as descritas a seguir.

- Criação da Organização das Nações Unidas (ONU), cujo principal papel é manter a paz, a segurança internacional e o respeito aos direitos humanos. Para cumprir o objetivo fundamental da ONU, foi criado um Conselho de Segurança, composto por cinco membros permanentes e dez eleitos a cada dois anos. Além da Assembleia Geral, do Secretariado e da Corte de Justiça, a ONU possui ainda o Conselho Econômico e Social, com departamentos especializados e encarregados dos problemas econômicos, sociais, educacionais, culturais e da saúde, tais como a OMS e a Unesco, entre outros. A sede oficial da ONU foi construída em Nova York.
- Penalidades impostas à Alemanha: desarmamento e desmilitarização; fechamento do Partido Nacional-Socialista; revogação da legislação nazista; divisão e ocupação do território alemão em quatro zonas de ocupação: inglesa, francesa, norte-americana e soviética.
- Criação do Tribunal de Nuremberg, para julgar e punir os crimes cometidos pelos nazistas durante a guerra: crimes contra a paz (preparar e iniciar guerras de agressão), crimes de guerra (mau tratamento das populações civis e dos prisioneiros de guerra), crimes contra a humanidade (brutalidade extrema contra grupos ou nações – o genocídio dos judeus) e conspiração.

Os líderes mundiais, reunidos na Conferência de Yalta, em fevereiro de 1945, apresentando as principais potências aliadas na Conferência de Yalta, em que foram lançadas as bases para a criação da ONU: Winston Churchill (à esquerda), primeiro-ministro da Inglaterra, Franklin Delano Roosevelt (ao centro), presidente dos Estados Unidos, Josef Stalin (à direita), líder da URSS.



96

Getty Images/Hulton Achter/Springer

Fonte: Encontros com a História, p. 96.

Doravante, no Japão bem como na Europa, o turbilhão da crise econômica levou soluções políticas reacionárias e autoritárias, o que para as

autoras, a Monarquia japonesa da Era Meiji assumiu características nitidamente nacionalistas e militaristas dando ao país uma conotação fascista, além de querer impor sua supremacia e liderança na Ásia tendo como alvo de seu expansionismo a China, a Malásia e as Filipinas (ANASTASIA & RIBEIRO, 2016, p. 68).

E para finalizar, destaque também para a Guerra Civil Espanhola ocorrida entre 1936 e 1939 que foi motivada pelo golpe militar para impedir a posse de uma coligação de partidos liberais e socialistas. E sob o comando dos generais Francisco Franco e Emilio Mola, com o apoio dos partidos conservadores e setores da classe média e da Igreja Católica, as tropas do exército tentaram derrubar o governo republicano (ANASTASIA & RIBEIRO, 2016, p. 68-69).

Temos aqui um trabalho desenvolvido a cerca da estrutura genealógica do fascismo fixada na fenomenologia histórica, pertinente apenas à primeira metade do século XX e não há elo com a contemporaneidade provocada por Silva (2005) que possa lançar alguma contemplação sobre a ideologia do fascismo como algo que possa existir ou vir a surgir dentro de algum país democrático.

Ao que parece para Silva (2005) ser “a retratação de indivíduos como Hitler e Mussolini que propunham um mesmo programa, partilhavam a mesma concepção de mundo, criavam mecanismos similares de manipulação de massas, votavam o mesmo ódio” (p. 124).

2.2 O FASCISMO NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO

Para melhor entender o contexto didático em que é discutido o fascismo, passemos agora para o Livro Didático do Ensino Médio Caminhos do Homem de Marques e Berutti (2016).

No primeiro momento do capítulo 1 é proposto o tema sobre o “Imperialismo”. O Imperialismo, as guerras mundiais e os grandes processos revolucionários do século XX” (MARQUES & BERUTTI, 2015, p. 11). O texto traz no início a etimologia da palavra “imperialismo”, sendo está um termo advindo do latim que significa “ter o poder e mandar”, além de corresponder ao

processo histórico de expansão, conquista e dominação econômica imposta por uma ou mais nações. É o processo que interliga o século XIX com o XX, necessariamente 1875 e 1914 que é o período de maturidade do imperialismo.

Figura 8 – Caminhos do Homem – 3º volume



Fonte: https://d1pkzhm5uq4mnt.cloudfront.net/imagens/capas/_e6421ceaa1f0b32ae94cf6920605232750fb8d99.jpg

Para Marques e Berutti (2015), a linha de pensamento dos historiadores e, principalmente dos marxistas, consideram o Imperialismo como principal “motor” das duas guerras mundiais, tendo, nesta perspectiva, o entendimento como guerras “de redivisão de mercados, colônias e áreas de influência” (MARQUES & BERUTTI, 2016, p. 11). Entre outras palavras, é colocado uma maneira de entender o fenômeno do Imperialismo através de uma ideologia marxista que não é muito distante do livro didático, ao que será anexado no

Texto 1 “A Primeira Guerra na perspectiva da concepção marxista-leninista da História” (MARQUES & BERUTTI, 2016, p. 35).

Fig. 9. Imagem ilustrativa (Tio Sam) com texto.

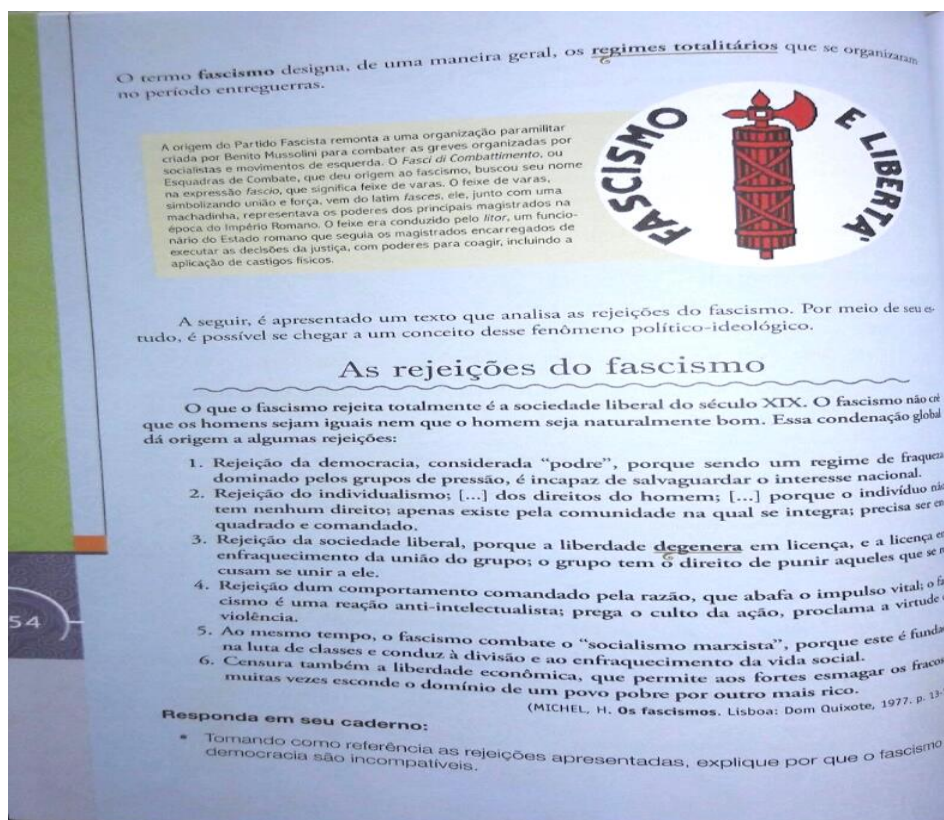


Fonte: Caminhos do Homem p. 08.

Já no Texto 2, iniciado na página 35 do livro Caminhos do Homem, “A Primeira Guerra Mundial e a força da tradição”, há uma imersiva leitura sobre a culpabilidade central do Grande Guerra está na queda dos antigos regimes enquanto perdiam terreno para o capitalismo industrial. A ligação mais pertinente do passado com o presente está na imagem do guerrilheiro Che Guevara, mas distante da proposta de Silva (2005) onde objetiva dar continuidade da discussão entre um fato histórico com a possível inserção ideológico de algum país que o acopla.

Assim, fica pertinente instigar problemáticas com relação a alguma crise econômica e se por isso, seria a oportunidade de se criar novos regimes autoritários. Marques e Berutti (2016) utilizam uma página e meia para abordar sobre o “ícone” Che Guevara para apenas resplandecer uma imagem que é estampada em camisas, bandeiras, e em uma série de objetos e o centro da discussão gira em torno do antagonismo – herói/vilão – preambulando nos anais da história; acontece que o contexto consegue alcançar lucidez ao colocar essa história como exemplo de retirar um determinado poder político e inserir outro, “dado a vinculação de Cuba com a União Soviética, sendo uma ameaça aos interesses geopolíticos norte-americanos na região, além de se contrapor à ordem capitalista” (MARQUES & BERUTTI, 2016, p. 13).

Fig. 10. As rejeições do fascismo.



Fonte: Caminhos do Homem p. 54.

O assunto da Primeira Guerra Mundial é apresentado de maneira não determinada, ou melhor, contendo uma não unanimidade sobre a origem desta, os autores partem da ótica historiográfica marxista como Lênin e Rosa de

Luxemburgo, justificando a guerra pelos conflitos imperialistas (MARQUES & BERUTTI, 2016, p. 34). Além de destacarem três pontos salutares que teriam desencadeado a Primeira Grande Guerra: a expansão imperialista, o rompimento do equilíbrio europeu e o nacionalismo (MARQUES & BERUTTI, 2016, p. 35).

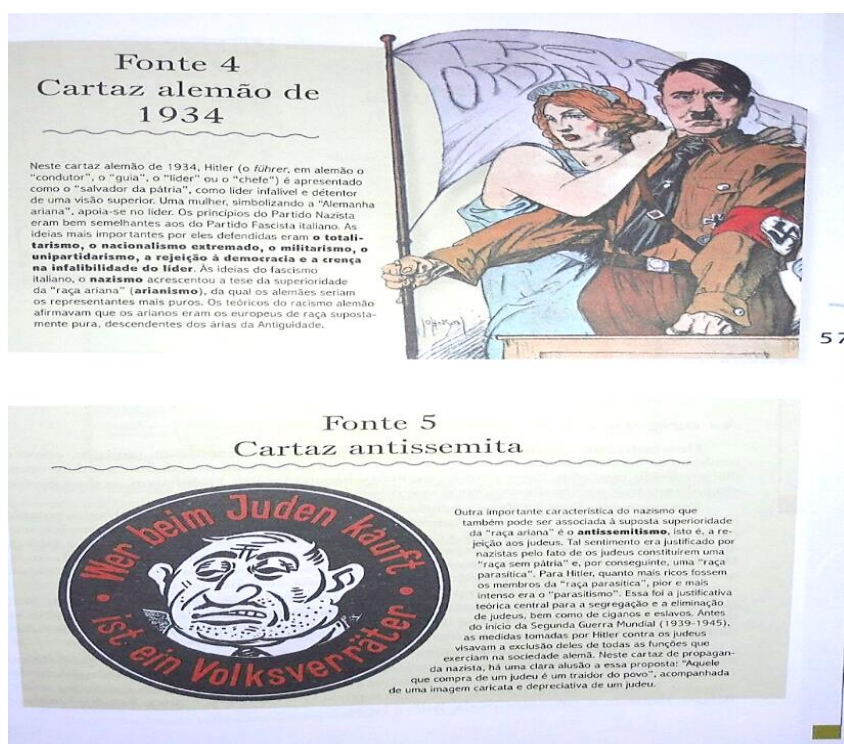
A forma em que Anastasia & Ribeiro (2016) notado para o Ensino Fundamental e Marques e Beirutti (2016), Ensino Médio, trabalham sobre o surgimento de regimes nazifascistas são diferentes, pois utilizam linguagens e apontamentos do mais simples ao mais complexo, levando em conta o ano escolar dos discentes. Para Caimi (2002), o autor de livros didáticos, assim como o historiador, faz opções entre diferentes temas, periodizações, fontes, métodos, etc., os quais são condicionados pela época em que vivem, pelo seu lugar social, pela sua visão de mundo. Encontramos assim traços de singularidades na hora da construção de conteúdos válidos onde podem preencher as páginas devidamente compreensíveis, mas não estão isentas de dificultar o entendimento mediante a alguma metodologia demasiada confusa.

É importante analisar a profundidade deste fenômeno no modo em que é discutido em suas novas perspectivas e como pode ser estudado a partir do Livro Didático. Ambas as formas nos trazem a tona um poder que não pode ser considerado exclusivista de um ou dois lugares (Itália e Alemanha), mas ela eclodiu e pode vir a eclodir em outras áreas do mundo. Nesse sentido Silva (2005) destaca que:

Ao contrário das análises estruturalistas, interessa-nos levar a linguagem do fascismo a sério, e não apenas como um véu que o historiador desvela. Contudo, não nos interessa, também, refazer a história como narrativa da história. O método aqui é a identificação da união permanente da linguagem e de ação dos agentes centrais do fascismo, “a exposição de sua própria linguagem, por sua própria consciência e de acordo com a forma que é exposta por estes e conforme a doutrina exposta por suas lideranças”, comparando com sua práxis, ou seja, a organização, o estilo e a impulsão diretiva do fascismo (SILVA, 2005, p. 127).

Discernir a linguagem do fascismo pode implicar em dar forma ao seu conceito, ou o mais cabível no plural, “conceitos”, na concepção de Silva (2005) deve fazer “coerência da sua enunciação”, mesmo levando certa discordância para outras lógicas. Neste sentido, o livro didático traz para si elementos narrativos de linhas diferentes, como é o caso dos autores Marques e Berutti (2015) ao proporem uma leitura sobre o início do fascismo através da ótica marxista, mas com certo equilíbrio para não tornar a discussão focada em apenas num ponto de vista.

Fig. 11. Cartazes de propaganda nazista



Fonte: Caminhos do Homem p. 57.

Um ponto que o texto do livro didático Caminhos do Homem aborda é sobre o “nacionalismo delirante”, onde Marques e Berutti (2016) utilizam da leitura do historiador Luiz César Rodrigues (1988¹⁰) para explicar a insurgência de grupos patrióticos na Alemanha do II Reich, destacando a Liga Pangermânica, fundada em 1893. Temos na página 38 um pequeno tópico que

¹⁰ (RODRIGUES, L. C. B. **A Primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Atual, 1988. p. 17).

fala sobre a “corrida armamentista” como fator definidor do nacionalismo, o que para os autores:

[...] atendeu em grande parte, aos interesses da indústria de armas. Ele contribuiu para que houvesse, às vésperas de 1914, uma corrida armamentista. Acreditava-se que, se todas as potências estivessem muito bem armadas e possuíssem poderosas forças militares, a guerra poderia ser evitada. Esse conceito ficou conhecido como paz armada (MARQUES & BERUTTI, 2016, p. 38).

Os autores complementam com uma tabela com dados relativos ao poder naval das grandes nações em 1914, revelando a rivalidade anglo-germânica que não se limitava ao campo industrial e às disputas imperialistas; são apresentados os países: Rússia, França, Grã-Bretanha, Alemanha e Áustria-Hungria (p. 39).

A seguir Marques e Berutti (2015) apresentam um texto do historiador Eric Hobsbawn¹¹ (1988) com o título “Da paz à guerra” (p. 39-40), abordando a evolução das armas e da apropriação de algumas potências sobre elas, afirmando que “a Europa não foi à guerra devido à corrida armamentista como tal, mas devido à situação internacional que lançou as nações nessa competição” (MARQUES & BERUTTI, 2016, p. 40).

¹¹ HOBSBAWN, E. J. Da Paz à guerra. In: A Era dos Impérios: 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 424.

às granadas, foram destruídos pela guerra” (MARQUES & BERUTTI, 2015, p. 43-44).

As citações¹² utilizadas pelos autores para retratar a horrores da guerra são úteis na composição do contexto tecendo uma rede de informações heterogêneas através de depoimentos que são fontes de memórias em que viajam pelo tempo e se conectam com o presente.

Depois que o livro trata dos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial entra, no centro da discussão, uma rápida reflexão sobre o peso que ficou para o grande perdedor, a Alemanha. O Tratado de Versalhes, realizado do dia 28 de junho de 1919, seria a mola propulsora da Segunda Guerra pelos atos futuros de Hitler quando oferta aos alemães a solução para saírem da crise, mas quebraria muitas condições do tratado, levando o país para a Segunda Guerra Mundial, conforme início na página 51 do Livro Didático aqui analisado.

Inicia-se a discussão sobre a causa da ascensão do nazi-fascismo, tomando a crise econômica surgida na Europa como ponto central. Os autores abordam o período do “entre guerras” uma vez que, na década de 1930, a “recessão, desemprego, colapso do comércio internacional e falências eram apenas alguns dos grandes problemas da economia mundial” (MARQUES & BERUTTI, 2015, p. 51).

O livro em questão traz um texto complementar sobre a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, suas implicações dentro das mudanças ocorridas na posse do presidente Roosevelt e seu projeto do *New Deal*, tratado nas páginas 52 e 53 como um guia de um mapa para que os alunos tenham noção do lugar que nasceu à crise e a saída para esta “grande crise do capitalismo em escala global” (MARQUES & BERUTTI, 2015, p. 53), marca o período de questionamentos e práticas contrárias aos “valores democráticos e da ideologia liberal” (MARQUES & BERUTTI, 2015, p. 53).

Seguindo no eixo da discussão, os autores lançam o tema da construção e ampliação do sistema ideológico fascista, já que a insegurança apavorou os

¹² São as seguintes referências: HART, B. L. A guerra moderna. In: ROBERTS, J. M. **História do século 20**. São Paulo: Abril, 1974. v. 2.p. 796; e .REMARQUE. E. M. **Nada de novo no front**. São Paulo: Edibolso, 1977. p. 92).

empresários capitalistas liberais. Nesse sentido, Silva (2005) se atenta à questão do liberalismo e ainda do posicionamento do fascismo com relação ao parlamentarismo da seguinte forma:

O fascismo acusa as formas liberais de organização e de representação, em especial o parlamentarismo liberal, de originarem a crise contemporânea. Aqui as posturas antiliberais tomam duas dimensões: de um lado, a ideia de falência do sistema liberal e, de outro, o caráter geneticamente desagregador do liberalismo. No primeiro caso, o sistema montado no século XIX, fruto da Revolução Francesa de 1789, não mais daria conta das novas condições de desenvolvimento da sociedade de massas contemporâneas, contraditoriamente gerada pela própria Revolução Francesa e pelo domínio liberal ao longo do século XIX (SILVA, 2005, p. 127-128).

O autor transporta a analogia da causalidade do fascismo como fruto nascido da Revolução Francesa que por sua vez gerou o liberalismo, e conseqüentemente, geraria o fascismo como resposta ao considerado discrepante da ordem econômica. Marques e Berutti (2015) já não voltam até a Revolução Francesa e partem para o Imperialismo e suas facetas, apenas justificam que a ideologia liberal foi responsável pelo fascismo:

[...] cujos modelos clássicos foram implantados na Itália, a partir de 1922, por Benito Mussolini; e na Alemanha, a partir de 1933, sendo que neste país a experiência fascista ficou conhecida pela expressão nazismo, em uma referência ao Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (nacional-socialismo, em alemão, nationalsozialismus), fundado após a guerra e cuja principal liderança era Adolf Hitler (MARQUES & BERUTTI, 2015, p. 53).

Os autores buscam encontrar a fonte em que o fascismo é culpado pela crise econômica. Claro que Silva (2005) possui maior amplitude para destrinchar o conteúdo referente às novas discussões sobre o fascismo já que sua colaboração na obra *O século XX* é justamente apresentar algo novo dando valiosa contribuição à historiografia, nesse sentido, à interrogativa: Se os livros didáticos poderiam implicar também o confronto histórico com referências da atualidade?

Os autores do livro didático procuram justificar o fascismo como um fenômeno resultado da crise econômica, enquanto Silva (2005) questiona o

posicionamento acidente histórico¹³ como relevante em seu estudo ao qual ele propõe encontrar, se possível, um modelo de fascismo que, como Renaut (1991) fala, “surgiria como um constructo que serve de instrumento ao historiador” (RENAUT, 1991, p. 19). Ambos discutem sobre o nazifascismo, porém suas abordagens e discernimentos são divergentes no contexto histórico.

Carvalho (2015) pontua o interesse e a manifestação dos autores em aproximar o presente e o passado no ensino de História:

Os autores, ao mencionarem nas apresentações dos livros a intenção de realizar ligações entre o presente e o passado demonstram que estão cientes da importância deste diálogo para a aprendizagem histórica dos alunos. Todavia, na análise dos capítulos em que o fascismo é abordado este diálogo não ocorre. Ao apresentarem o fascismo como um tema cristalizado, ligado ao passado, a narrativa construída impede aos alunos perceberem a história como uma disciplina ligada a sua prática social. (CARVALHO, 2015, p. 302)

Na conclusão de suas reflexões a autora pondera que:

Dentro deste quadro é visível como a História, enquanto disciplina escolar, ainda é pensada como a ciência que se ocupa dos fatos passados e, portanto, desvinculados do presente. Os fatos são organizados de forma linear seguindo a ordem de causas e conseqüências. A concepção de ensino, observada nos capítulos analisados, não remete a construção do conhecimento em sala de aula, mas somente a transmissão de dados. A narrativa histórica é dada como pronta, não apresenta espaço para discutir outras interpretações históricas possíveis do mesmo tema (CARVALHO, 2015, p.304).

O fascismo é um tema muito amplo para discussão. Vários estudos sobre esse tema possibilitam diversas direções sobre sua composição seja em relação ao seu aspecto ideológico seja ao tratar dos países que dele inspiraram para construir um ideário político autoritário; seja sobre seu conceito e método de ser e agir, de como foi e ainda pode ser, entre outros. É posto à mesa para ser discutido e muito há de ser debatido, o que nesta pesquisa foi um pequeno desdobramento para tentar entender o que foi o fenômeno do fascismo na

¹³ Para Francisco Carlos Teixeira da Silva, a expressão “acidente histórico” é a forma que o nazi-fascismo era tido como um acontecimento preso ao passado sem que este fato não tenha nenhuma influência no presente.

história entre uma proposição didática escolar e uma proposição mais complexa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos esta análise sobre os livros didáticos: Encontros com a História (9º ano) e Caminhos do Homem (3º ano) – das Escolas Estaduais do Ensino Fundamental e do Colégio Estadual do Ensino Médio – dialogando com a proposta de Silva (2005) –, fica evidente que nos livros não há o mesmo entendimento proposto nas reflexões de Silva que refuta o modo de abordar a ideologia fascista como um acidente histórico que seria fruto de uma crise econômica.

A proposta dos livros didáticos, depois de passar por um processo burocrático de estruturação criterioso, movido por uma equipe de profissionais para viabilizar o que será levado para a sala de aula é o elemento que constrói o elo de aprendizado entre os docentes e os discentes. Acreditamos que, na análise realizada, em relação ao nazi-fascismo, as abordagens dos dois livros didáticos neste trabalho, pertencentes ao 9º ano do Ensino Fundamental quanto o 3º ano, *Caminhos do Homem*, estão de igual modo em suas propostas, uma vez que utilizam argumentos que justificam o período da Segunda Guerra Mundial, quando o nazismo alemão e o fascismo italiano foram consequências de uma crise econômica. Dessa forma os autores Marques e Berutti, e Ribeiro (2016) e Anastasia (2016), trabalham o passado dos capítulos analisados, de acordo com a História fenomenológica.

Na abordagem de Silva (2005) sobre “Os fascismos” na obra *O século XX*, intervém com um olhar crítico sobre a forma que era, e ainda o é, tratado o tema. Sua intenção foi tentar encontrar um sentido mais atual, de acordo com o surgimento dos novos documentos sobre o fascismo no final dos anos 1980. O acesso a novos documentos surgidos e estudados a partir deste período, possibilitou aos historiadores a estratificar o tema “fascismo”, podendo assim, contrariar as formas de conhecimento abordados nas primeiras décadas do pós-Segunda Guerra Mundial.

Os estudos sobre o nazifascismo se mantiveram centralizados na Alemanha. As produções sobre o nazifascismo, muito comumente encontradas

em revistas, notícias em jornais sobre alguma curiosidade ou nova descoberta, em filmes e documentários, biografia, fotografias entre outros, optam em grande escala, a centralidade de manter a culpabilidade em um ponto, ou melhor, pessoa, Adolf Hitler. Muito da historicidade da Segunda Guerra Mundial fica de fora, como a colaboração dos franceses com os nazistas, empresas que mantinham comércio ilegalmente com os nazistas, entre outros.

Mas o nazifascismo não pode ser ignorado e tão pouco irrelevante dentro do tempo da história do presente. Assim, como foi apontado por Silva (2005), nos anos 1990 foram feitas acusações sobre partidos políticos encontrados em países como França, Itália, e Rússia que tinham como ideologia o espectro fascista. Os livros didáticos podem, por motivos políticos omitirem a vinculação desse fenômeno para apenas ensinar sobre o passado, talvez por não quererem comprometimento com pontos mais complexos, que por outro lado, deixam um senso crítico que não dialoga com o presente, portanto, a relação entre presente e passado pode ser avariado e calculado.

Até onde podem mostrar a história sobre determinado tema e o que deve ser mantido apenas no passado, são interrogações que podem se manter até o momento de se divulgar uma nova abordagem mais comprometida com a vertente da história fascista como contínua, sendo esta, capaz de dialogar com o presente.

O fascismo não morreu no pós II Guerra Mundial (reelaborando-se e reorganizando-se como um vírus dentro da sociedade contemporânea) e sobrevive hoje nas franjas da sociedade. Se, por uma confluência de fatores, ele voltasse a assumir o poder em algumas regiões do mundo ocidental e a hipótese apresentada na Introdução desse artigo se concretizasse, é difícil acreditar que ele retornaria em sua forma clássica. Muito teria que ser mudado e a experiência do breve governo de Berlusconi na Itália e da transição do Movimento Sociale Italiano para a mais “respeitável” Alleanza Nazionale na Itália nos últimos anos talvez indique o padrão desse novo fascismo reciclado que tenta retomar o poder. Dificilmente esse fascismo reciclado poderia fugir, contudo, das suas grandes contradições, a saber, a promessa de mudança social associada, normalmente, a uma prática política de aliança com as forças conservadoras e, como demonstrado nesse texto, a da contradição entre o desejo de fundir todos os fascistas do mundo em um bloco único soldado pela ideia de construção de uma nova civilização e a competição

nacionalista, de ideias e pelo poder entre eles. Isso indica que um mundo dominado pelo fascismo dificilmente seria um mundo de relações pacíficas entre os Estados, no que seria coerente com seu encantamento pela guerra e pelas virtudes militares. (BERTONHA, 2000, p. 112)

Os livros didáticos *Encontros com a História e Caminhos do Homem*, das Escolas Estaduais de Ipameri-Go apresentaram um contexto relativo à história como um fenômeno do passado sem agregar alguma indicação sobre seus modos operantes inseridos em outras nações depois da queda do nazifascismo. Enquanto o livro do Ensino Fundamental foi mais simples na estrutura narrativa e na forma de apresentar o processo histórico de forma linear, consegue direcionar uma didática mais fácil ao conhecimento para os discentes. Já o livro do Ensino Médio propôs algo mais repetitivo não aproveitando o pouco espaço que o livro oferece para sintetizar os capítulos.

Em suma, a possibilidade de orientação sobre o nazifascismo ainda requer atenção à intencionalidade de quem a direciona como estudo. Pode ter objetivações partidárias ou sensacionalistas que promovem mais inchaço produtivo do que reforçam trabalhos direcionados a buscar um construto do fascismo mais coeso e relevante para o conhecimento histórico entre a ação do presente com o passado.

Nestes termos, apresentamos, em anexo, algumas possibilidades para que os professores do Ensino Fundamental e Ensino Médio desenvolvam suas atividades, para além do Livro Didático.

REFERÊNCIAS

ANASTASIA, Carla, RIBEIRO, Vanise. **Encontros com a História**; Manual do Professor, 9º ano. – 3ª ed. – Curitiba: Editora Positivo, 2012.

ARAUJO, Felipe - Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela UniFIAMFAAM, 2012. **História do livro**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/curiosidades/historia-do-livro/>>. Acessado em 05 de agosto de 2017.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**; tradução de Roberto Raposo. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Recomendações para uma política pública de livros didáticos** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

BERNARDO, João. **Labirintos do Fascismo**. – Campinas, São Paulo, 1998.

BERTONHA, João Fábio. A questão da "Internacional Fascista" no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista. **Revista Brasileira de Política Internacional**.. [online]. 2000, vol.43, n.1, pp.99-118.

BESSEL, Richard. **Alemanha, 1945: da guerra à paz**; tradução Berilo Vargas. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BINKHORN, Martin. **Mussolini e a Itália Fascista**; tradução de Ivone C. Benedetti. – São Paulo: Paz e Terra, 2009.

BITTENCOURT, C. **Ensino de historia: fundamentos e métodos**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2017: história - Ensino fundamental anos finais** / Ministério da Educação - Secretária de Educação Básica - SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2016. 140 p.

BUCHANAN, Patrick J. **Churchill, Hitler e a Guerra Desnecessária**; tradução Vania Cury. – Rio de Janeiro: PocketOuro, Ediouro Publicações Ltda, 2008.

CAIMI, F. E. **O livro didático e o currículo de História em transição**. 2. Ed. Passo Fundo: UPF, 2002.

CARVALHO, Ana Paula Rodrigues. As Histórias, Os Sujeitos, As Narrativas: Análise do regime fascista nos livros didáticos. **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 289-306, jan./jun. 2015 302

CATELLI JUNIOR, Roberto. **Ideologia e livro didático**. São Paulo, 2010.

DE GRAND, Alexander J. **Itália Fascista e Alemanha Nazista**; tradução de Carlos David Soares. – São Paulo: Madras, 2005.

FIORANI, Flavio. **História Ilustrada da II Guerra Mundial**; tradução Ciro Mioranza. – São Paulo: Larousse, 2009.

GONÇALVES, Williams da Silva. **A Segunda Guerra Mundial**. In: O Século XX; 3º edição. – Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

HUGGINS, Marta K., HARITOS-FAUTOUROS, Mika e ZIMBARDO, Philip G. **Operários da Violência**; tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

LAROCCA, Luciene Alves. **Unidade Didática sobre o Nazismo**. – Curitiba-PR: Universidade Federal do Paraná, 2008.

LE BOM, Gustave. **Psicologia das Multidões**; trad. Claudia Berliner, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **As Origens do Fascismo**; organizador Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Alameda, 2010.

MARQUES, Adhemar, BERUTTI, Flávio. **Caminhos do Homem na História**; Manual do Professor; 3º ano 2ª ed. Curitiba: Base Editorial, 2015.

MINERBI, Alessandra. **A Ideologia Nazista**. In: A História Ilustrada do Nazismo; 1ª parte. – São Paulo: Larousse, 2009.

MICHEL, Fernanda Vach. **A origem do livro didático**. Disponível em <<http://www.brasilescola.com>. Acesso em: 04 de agosto de 2017.

MIRANDA, Sonia Regina, LUCA, Tania Regina de. **O livro didático de história hoje**: um panorama a partir do PNLD. Revista Brasileira de História, vol.24 nº.48 – São Paulo, 2004

OLIVEIRA, João Paulo Teixeira de. **A eficiência e/ou ineficiência do Livro Didático no processo de ensino-aprendizagem**. PUC-Rio Brasil, SD.

RÜSEN, Jorn. **Sobre a utilidade e a desvantagem da ciência para o livro didático**: o exemplo da História. In: Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os Fascismos. In: **O Século XX; organização**, Daniel Aarão Reis Filho, Jorge Ferreira, Celeste Zenha. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SILVA, Sérgio Pereira. **Filosofia na Educação**: Entre o otimismo e o pessimismo pedagógico. Coleção Labor. UFG/Catalão, 2012.

SIMAN, Lana Mara de Castro, SILVA, Marco Antônio. **Livro didático de História**: um objeto de interesse público. WEB Artigos, julho de 2009.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos e SCHURSTER, Karl A historiografia dos traumas coletivos e o Holocausto: desafios para o ensino da história do tempo presente. **Estudos Ibero-Americanos**, vol. 42, núm. 2, mayo-agosto, 2016, pp. 744-772 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E
CIÊNCIAS SOCIAIS – INHCS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
– MESTRADO PROFISSIONAL

Rafael Junior da Silva

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO
O(S) FASCISMO(S) NO LIVRO DIDÁTICO:
UMA ANÁLISE DO CONTEÚDO NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

**GUIA DE REFERÊNCIAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA
TEMAS: O(S) FASCISMO(S) NA RELAÇÃO PASSADO PRESENTE**

CATALÃO

2017

REFLEXÕES INICIAIS

Analisando as narrativas sobre os traumas coletivos os autores TEIXEIRA DA SILVA e SCHURSTER constroem uma interessante reflexão sobre a manutenção de práticas de massacre e genocídios em diversos países.

Após o fim da Guerra Fria (1945-1991), no bojo de uma grande vaga de otimismo econômico e político, marcado pela crença num mundo mais pacífico, sem ameaça da aniquilação nuclear e baseado em princípios multiculturais, as temáticas mais trágicas da História pareciam, então, de fôlego curto. No entanto, em pouco tempo, inúmeros conflitos – principalmente guerras intra-estatais com ou sem intervenção estrangeira – marcaram a nova ordem mundial com tragédias que imaginávamos que jamais iriam se repetir. O velho e insuperável brado das paredes do Campo de Concentração de Dachau, “Nie Wieder” – “Nunca Mais” – pareciam esquecidas e abandonadas. Os massacres na Bósnia (1995), Kosovo (1998) e Macedônia (2001), na própria Europa; ou o Genocídio em Ruanda (1994), além das constantes matanças na África Ocidental e o programado genocídio de Darfur, no Sudão (2003), ao lado da persistência e a permanente reinvenção do antissemitismo (Kiev, 2014, por exemplo, ou nos grupos neonazis alemães e americanos) nos mostraram, desde logo, que a generosa e otimista tese que afirmava: com o conhecimento global sobre o Holocausto não haveria mais espaço para tais fenômenos, era não só infundada como também amplamente equivocada. (TEIXEIRA DA SILVA e SCHURSTER, 2016, p.746)

Diante dessa constatação os autores afirmam ser latente a necessidade de revisitar e atualizar os conteúdos integrantes dos currículos da educação básica, tanto no nível infantil, como fundamental e médio. Eles chamam atenção para o surgimento de um campo novo denominado “pedagogia do ensino dos traumas coletivos”, que tem esse objetivo, ou seja, reforçar a necessidade de se falar sobre práticas que ferem os direitos humanos e a cidadania. TEIXEIRA DA SILVA e SCHURSTER (2016) ponderam que :

Quando tratamos especificamente do ensino de história de traumas coletivos [...] procuramos compreender de forma profunda como essas feridas do passado foram causadas e como elas refletem diretamente no tempo presente de determinadas sociedades. O termo “trauma”, nesse caso, é retirado de seu lugar de origem, a psicanálise, e trazido para a história, no intuito de auxiliar os historiadores na compreensão desse passado que não quer passar. (p.478)

Ainda hoje acompanhamos pelos mais diversos meios de comunicação a existência corriqueira de crimes coletivos, como apontam TEIXEIRA DA SILVA e SCHURSTER (2016). Esses crimes podem ter caráter étnico, de gênero ou religioso. Segundo os autores:

Na vaga da crise perene do Oriente Médio, vários grupos étnicos, religiosos ou de opções sexuais diferenciadas, como os cristãos ortodoxos, assírios e caldeus; os curdos; vários grupos xiitas e palestinos, ou gays e mulheres sob o autodenominado 'Estado Islâmico' sofreram, e sofrem, nos nossos dias terríveis ofensas em países como Iraque, Síria, Líbano, Líbia, Chad, Níger, Mali ou Nigéria ou em Gaza – tudo isso sem aludir aos ataques do novo terrorismo de massas, fora do escopo deste artigo. Assim, as observações de Andreas Huyssen e Pieter Lagrou – os dois historiadores que iniciaram a abertura do campo de estudos dos traumas coletivos e da “batalha” em torno da construção de suas narrativas – colocando os genocídios no espaço. (p.746)

Os autores ainda ampliam o debate considerando que tanto no Oriente Médio, nos Balcãs ou no Leste Europeu, assim como na Colômbia, México ou El Salvador ocorre, no tempo presente, uma significativa liquidação em massa de pessoas, especialmente de jovens de origem indígena. E lembram ainda: “Especifica tal afirmação a matança silenciosa, sistemática e crescente, de jovens negros e pobres das comunidades brasileiras, cujos números já ultrapassam a maioria das guerras contemporâneas”. (TEIXEIRA DA SILVA e SCHURSTER, 2016, p. 747).

Diante da necessidade de continuar a tratar desses fatos, de discutir as implicações das práticas fascistas no mundo contemporâneo, no ensino fundamental e médio é que propomos uma série de atividades, por meio dos mais diversos documentos e fontes, que elaboramos este guia com algumas indicações para os professores.

Referências:

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos e SCHURSTER, Karl A
historiografia dos traumas coletivos e o Holocausto: desafios para o ensino da história do tempo presente. **Estudos Ibero-Americanos**, vol. 42, núm. 2, mayo-agosto, 2016, pp. 744-772 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil

FILMES E SINOPSES

O cinema sempre esteve atento para a temática do nazi-fascismo, dentre eles aponto dois filmes alemães: *A Onda* (Die Welle) de 2008 e *Ele está de volta* (Er ist wieder da) de 2015.

O primeiro filme foi dirigido por Dennis Gansel e conduz a história inspirado no livro homônimo de 1981 do autor norte americano Todd Strasser. *A Onda* tem como ponto central mostrar um experimento de classe em que o carismático professor Rainer Wenger, interpretado pelo autor Jürgen Vogel, ministra aulas sobre autocracia. Assim, os alunos começam a vivenciar um grupo constituído por uma filosofia típica do fascista para fazê-los deparar com o regime de Hitler ao qual está inserido nos dias atuais.

Já o filme *Ele está de volta*. foi baseado na obra do escritor alemão Timur Vermes publicado pela editora Eichborn Verlag em 2012. A película é trabalhada de forma irônica, construindo uma narrativa envolta de uma interrogativa pertinente e tanto ficcional, “ E se Hitler voltasse para Alemanha nos dias atuais?”. Um dos principais pontos do filme são os diálogos reais entre o ator e a população alemã vista de algumas regiões do país. Não foi incomum encontrar apoiadores declarando que a Alemanha necessita novamente de uma experiência nacionalista tendo como pano de fundo o afã de trazer de volta os “bons” costumes perdidos.

A ideia central do filme do diretor David Wnendt é discutir com o passado mostrando de maneira impactante o personagem histórico dentro da realidade atual alemã através de um programa de televisão no qual o ator consegue conquistar as massas através da retórica, que novamente atinge o pensamento da maioria da população, correspondendo a ele positivamente graças a sua percepção crítica sobre a classe política por sua corrupção e descaso com os trabalhadores e famílias alemãs. Em resumo, o filme serve de alerta para a sociedade perceba que o fascismo não ficou no passado, mas continua flertando com o presente, como saída de alguma crise econômica.

- Os professores podem ainda fazer uma simples consulta no Google para obter referências a respeito de filmes que podem ser trabalhados com alunos. Na página

<http://www.cinemafuria.com.br/2016/04/11-filmes-sobre-o-nazismofascismo-que-o.html> acessada em 22/10/2017, há uma apresentação de 11 filmes que tratam do tema:

"Não podemos destruir os fascistas. Mas podemos educar as pessoas, de modo que elas irão temer o fascismo, reconhece-lo quando se manifestar, e combatê-lo." -

Por Quem os Sinos Dobram.

O Homem do Prego (The Pawnbroker, 1961) de Sidney Lumet/ País: EUA



Sinopse: Sol Nazerman é um simples comerciante que no passado sofreu os abusos pelo Regime Nazista. Sol convive com seus traumas em lembranças que não saem de sua cabeça e estão presentes por toda a vizinhança.

A Lista de Schindler (Schindler's List, 1993) de Steven Spielberg/ País: EUA



Sinopse: A história real ronda em torno do alemão Oskar Schindler, que viu na mão-de-obra judia uma solução barata e viável para lucrar com negócios durante a guerra. Com sua forte influência dentro do partido nazista, foi fácil conseguir as autorizações e abrir uma fábrica. O que poderia parecer uma atitude de um homem não muito bondoso transformou-se em um dos maiores casos de amor à vida da História, quando este alemão abdicou de toda sua fortuna para salvar a vida de mais de mil judeus, em plena luta contra o extermínio alemão.

- Mephisto (1981) de István Szabó/ País: Alemanha



Sinopse: Hendrik Höfgen é um ambicioso ator que não se interessa por política. Quando os nazistas começam a tomar o poder, ele aproveita para interpretar peças de propaganda nazista e acaba fazendo sucesso.

Amarcord (1973) de Federico Fellini/ País: Itália



Sinopse: Através dos olhos de Titta (Bruno Zanin), um garoto impressionável, o diretor dá uma olhada na vida familiar, religião, educação e política dos anos 30, quando o fascismo era a ordem dominante. Entre os personagens estão o pai e a mãe de Titta, que estão constantemente batalhando para viver, além de um padre que escuta confissões só para dar asas à sua imaginação anticonvencional.

- O Escarlate e o Negro (The Scarlet And The Black, 1983) de Jerry London/ País: EUA, Itália, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte



Sinopse: A verdadeira história do Monsenhor Hugh O'Flaherty (Gregory Peck), um corajoso padre irlandês que trabalhava no Vaticano durante a ocupação alemã, na Segunda Guerra Mundial. O Monsenhor devota todo o seu tempo e energia para esconder refugiados e Aliados, construindo uma rede de centenas de pessoas que o ajudam em seus esforços. O chefe local da Gestapo, Coronel Kappler (Christopher Plummer), descobre as atividades do O'Flaherty. O padre possui imunidade diplomática devido aos serviços prestados ao Vaticano, mas o coronel ordena a sua captura e morte, caso seja visto fora de lá. Apesar desses abusos, o Papa Pio XII permanece indiferente, insistindo na neutralidade da Igreja. Arriscando a própria vida e trabalhando junto à uma valente viúva de um aristocrata, o padre se utilizará até de disfarces para conseguir escapar e voltar ao Vaticano sem que seja reconhecido, e continuará sua perigosa missão até que, finalmente, Roma seja libertada, e milhares de pessoas sejam salvas da morte.

- Filhos da Guerra (Europa Europa, 1990) de Agnieszka Holland



Sinopse: Baseado em fatos verídicos, o filme conta a história de um garoto judeu que se torna herói nazista para escapar do Holocausto.

- Concorrência Desleal (Concorrenza sleale, 2001) de Ettore Scola/ País: Itália



Sinopse: Umberto (Diego Abatantuono) é um alfaiate que repentinamente começa perder sua clientela para uma loja vizinha, de propriedade de Leone (Sergio Castellitto), que oferece roupas a preços

mais baixos. Apesar da rivalidade, os filhos de ambos demonstram grande amizade entre si. Até que um dia vêm a público as diferenças que os concorrentes cultivavam em sigilo: durante uma discussão, Umberto se refere de forma depreciativa ao fato de Leone ser judeu, condição que ele ocultava. A polícia fascista presencia o bate-boca e o comerciante passa a ser perseguido, perdendo sua loja, seus direitos e sua dignidade. Ao testemunhar a desgraça do rival, Umberto se arrepende e trata de fazer o possível para ajudá-lo.

- Ladrões de Bicicletas (Ladri di Biciclette, 1948) de Vittorio De Sica/
País: Itália.



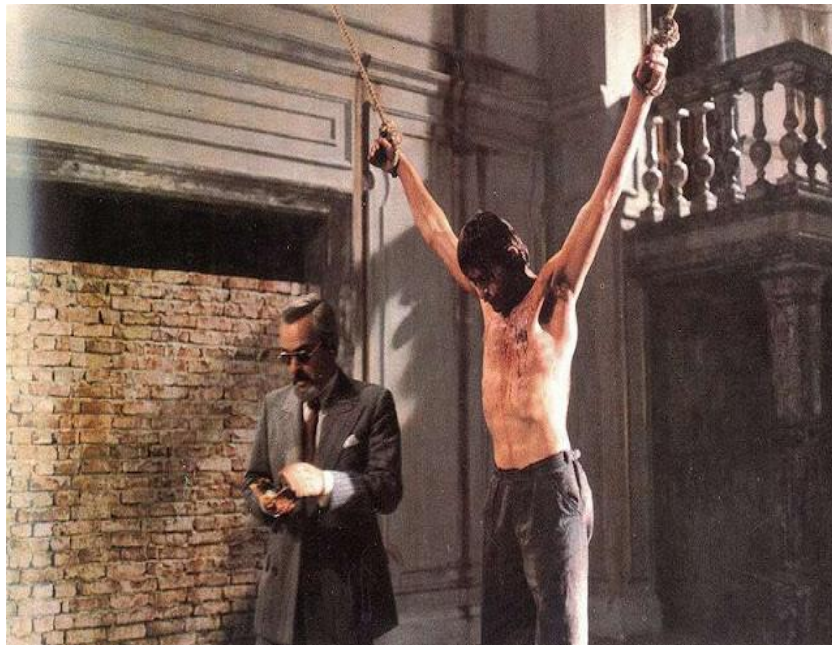
Sinopse: A história se passa logo após a Segunda Grande Guerra, com a Itália destruída e o povo passando necessidade. Ricci consegue um emprego após muita espera. Só que esse emprego, de colador cartazes na rua, lhe pedia como obrigação uma bicicleta. Ricci e sua mulher Maria conseguem um dinheiro para uma, possibilitando que ele realize o seu trabalho. Há também o menino Bruno, filho do casal. Fascinado por bicicletas, o menino cai de cabeça com o pai na busca pela bicicleta que lhes foi roubada, quando Ricci trabalhava apenas em seu primeiro dia.

A Pequena Loja da Rua Principal (Obchod na korze, 1965) de Elmar Klos Ján Kadár/ País: Czechoslovakia



Sinopse: Um inepto camponês Tcheco divide-se entre a ganância e a culpa quando um chefe da base nazista de sua cidade o nomeia "Supervisor Ariano" de uma loja de botões de uma idosa viúva judia. Humor e tragédia fundem-se na sarcástica exploração da cordialidade de um homem comprometido com o horror do regime totalitário. Oscar de Melhor Filme Estrangeiro.

- O Quinto Selo (Az ötödik pecsét, 1976) de Zoltán Fábri/ País: Hungria



Sinopse: 1944, final da II Guerra Mundial, Budapest, um grupo de amigos, composto por um relojoeiro, um sebista, um marceneiro, um dono de bar e um fotógrafo está reunido, conversando trivialidades e

bebendo, quando um deles, tido como o mais cínico, faz uma pergunta que mudará, irremediavelmente, a vida de todos.

O Ovo da Serpente (Das Schlangenei, 1977) de Ingmar Bergman/ País: Alemanha, EUA



Sinopse: Na Berlim arrasada pela Primeira Guerra Mundial, um desempregado consegue refúgio em um apartamento de um cientista, que também lhe oferece um emprego. Porém, aos poucos ele descobrirá uma terrível verdade naquele lugar, e que tudo isso tem a ver com o suicídio de seu irmão.

II - OUTRAS FORMAS DE EXPRESSÃO TAMBÉM PODEM SER ANALISADAS COMO ROMANCES, POEMAS, OBRAS DE EXPOSIÇÃO:

O acesso a essas outras formas de expressão que podem ser utilizadas pelo professor em sala de aula, procurando fazer a relação passado/presente. Tais fontes podem ser encontradas em sites como:

1) SITES

Memorial do Holocausto de Berlim

<http://simplesmenteberlim.com/holocaust-mahnmal-memorial-do-holocausto/>

2) MATERIAS DE JORNAL

2.1 Memorial de Auschwitz oferece visita virtual as instalações do campo

<https://oglobo.globo.com/mundo/memorial-de-auschwitz-oferece-visita-virtual-as-instalacoes-do-campo-14726939>

2.2 – 20 anos do genocídio em Ruanda

<https://oglobo.globo.com/mundo/os-20-anos-do-genocidio-de-ruanda-12091400>

2.3 – Genocídio nos presídios

http://www.jornaloeste.com.br/artigos/exibir.asp?id=829&artigo=genocidio_nos_presidios

2.4 – Genocídio e etnicídio os povos indígenas

<http://www.progresso.com.br/opiniaowilson-matos/genocidio-e-etnocidio-dos-povos-indigenas>

2.5 – Genocídio de jovens negros no Brasil

<http://www.ogirassol.com.br/especial/atlas-da-violencia-torna-explicito-genocidio-da-populacao-negra-no-brasil>

2.6 – Fascismo brasileiro revisitado

<https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/fascismo-brasileiro-revisitado-10730503>

2.7 - Fotógrafos e sua luta contra o fascismo

<http://jornal.usp.br/cultura/com-as-suas-cameras-eles-lutaram-contra-o-fascismo>

2.8 - O que o ressurgimento do fascismo pode nos ensinar

<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/o-que-o-ressurgimento-do-fascismo-pode-nos-ensinar/>

3) OBRAS LITERÁRIAS:

Indicações e sinopses de obras literárias que podem ser utilizadas para analisar o fascismo e o nazismo.

A Menina que Roubava Livros

Publicado em 2006 pelo australiano Markus Zusak, o livro conta a história de uma garota que fora adotada em 1939 por uma família alemã que residia na cidade de Molching, na Alemanha, antes de ser atingida pelos horrores da guerra. Neste contexto, a menina Liesel procura entender, dentre outras questões, a presença de um homem judeu que vivia escondido no porão da casa.

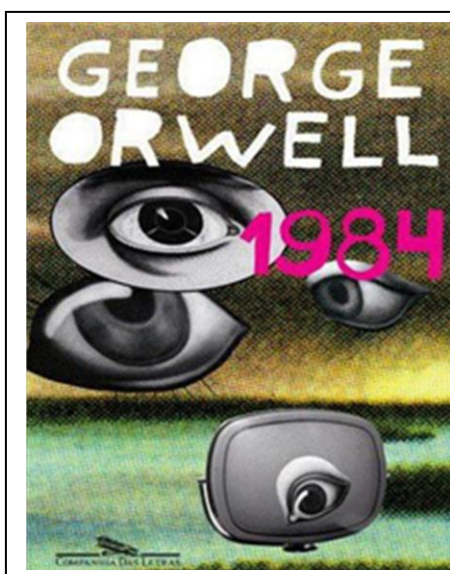
Para o professor Cristiano Catarin, o romance é importante pois revela que nem todos os alemães eram a favor do movimento nazista. Além disso, a partir do olhar de Liesel, o leitor consegue compreender o cotidiano de uma família que era contra o nazismo e a vida de uma pessoa pertencente a uma etnia que fora terrivelmente perseguida pelo sistema. "Esses aspectos contribuem para a assimilação dos estudos históricos desta temática", diz o professor. Para fugir de uma realidade sofrida e cheia de bombardeios, Liesel busca refúgio na leitura, e é a partir daí que ela começa a roubar livros.



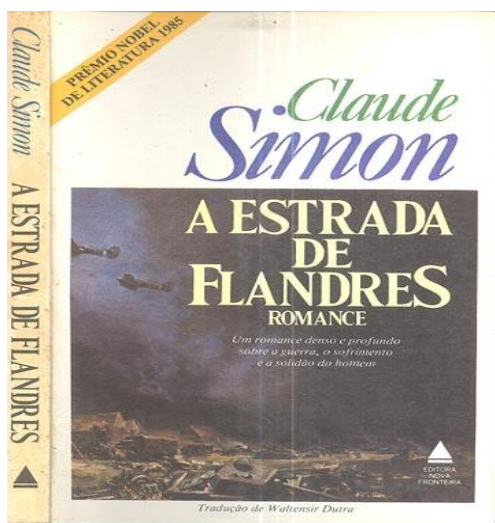
1984

O romance de George Orwell como uma boa metáfora para os estudantes entenderam como funcionava a dominação do governo no período nazista. O livro conta a história de Winston Smith, um membro do partido totalitário IngSoc que tomou o poder da Oceania (país criado pelo autor) a partir da figura do Grande Irmão (Big Brother), personalidade maior do partido político.

O trabalho de Winston como funcionário do Ministério da Verdade é reescrever e alterar dados históricos de acordo com o interesse do partido. Dessa forma, o Grande Irmão conseguia manipular o pensamento do povo, fazendo-o odiar o inimigo que o partido quisesse. "O autor também retrata o pessimismo contido na humanidade do pós guerra".



A Estrada de Flandres



Publicado pela primeira vez em 1961, o autor Claude Simon aborda em seu romance a morte de um aristocrata e capitão da cavalaria na Segunda Guerra Mundial. O Capitão de Cavalaria De Reixach foi morto por um atirador alemão na Estrada de Flandres. Antes, indiferente ao perigo que o cercava, o capitão seguia passo a passo com o que restava de sua tropa: ele, um suboficial, o ordenança e um cavalariano, narrador deste

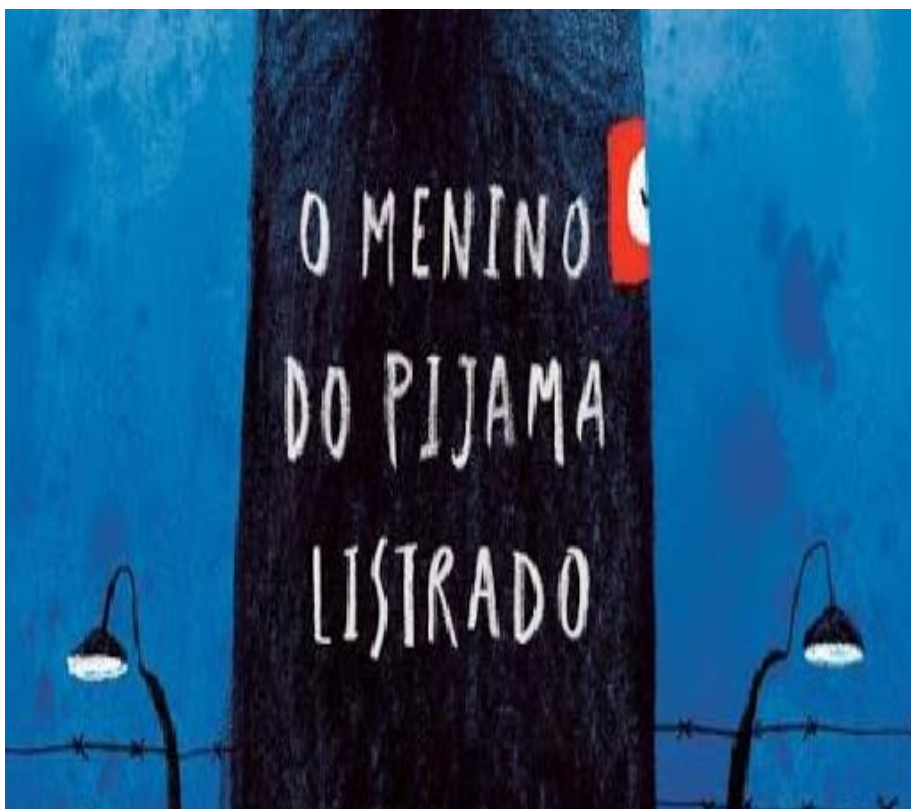
romance.

Para o professor, o romance é uma ótima leitura, pois mostra a derrota da França pelos nazistas em 1940. "A obra considera ainda concepções e perspectivas sobre o suicídio, o morrer, o criar, o procriar, a memória, etc. Algo denominado pelo autor como aprendendo a viver e aprendendo a morrer", afirma.

O Menino do Pijama Listrado

O autor John Boyne, o livro mostra a história de uma família nazista sobre a perspectiva de um menino de 9 anos, Bruno. Filho de um oficial nazista, Bruno não sabe nada sobre o Holocausto, apenas lamenta que foi obrigado a abandonar a espaçosa casa de Berlim e mudar-se para uma região isolada (onde seu pai podia controlar um campo de concentração). Da janela do seu quarto, o menino conseguia ver uma cerca, onde viviam centenas de pessoas vestindo sempre uniforme. Ao ir até lá escondido, Bruno começa uma amizade com um menino "de pijama listrado".

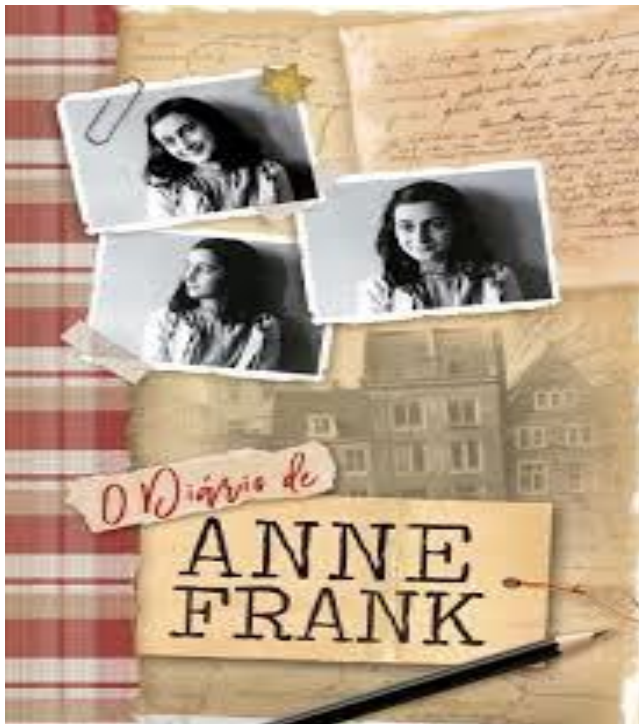
Ao mesmo tempo em que mostra a vida da família do oficial nazista, o romance narra as descobertas de uma criança sobre os horrores da guerra. O sucesso do livro foi tanto que a história saiu das páginas e foi parar nas telas: o livro foi adaptado para o cinema pelo diretor Mark Herman, em 2008.



O Diário de Anne Frank

O livro não é ficção, e sim um pedaço da realidade judaica em tempos de guerra. Escondida com sua família e outros judeus em um porão em Amsterdam durante a ocupação nazista nos Países Baixos, Anne Frank conta em seu diário a vida deste grupo de pessoas. Pelo olhar dessa menina de 13 anos, o leitor consegue entender os anseios de um judeu durante a Segunda Guerra Mundial.

O esconderijo foi descoberto em 1944, e Anne Frank morreu em um campo de concentração. Otto Frank, seu pai e único sobrevivente da família, publicou o diário da filha em 1947.



Informações retiradas do site:

<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/de-anne-frank-a-orwell-veja-5-livros-para-estudar-o-nazismo,5e0b1a4045cea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

- PROPAGANDAS DA ÉPOCA DO PERÍODO NAZIFASCISMO

As propagandas representam a forma de pensar e agir de uma determinada sociedade. A mercadoria produzida pela indústria será vendida para um tipo de público que tem seus valores e suas crenças políticas e ideológicas.



Nos anos de 1910 e 1920 a Coca-Cola distribuía pingentes em forma de suástica (na época um amuleto de sorte), que só ganharia o significado atual com o advento do Nazismo nos anos 30



1933 – VOLKSWAGEN Ferdinand Porsche apresenta modelo do carro do povo alemão para Hitler